



Sistema**OCB**

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 17 • MAR./ABR. 2015

SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO

DISTINTO PÚBLICO

**ARTISTAS SE ASSOCIAM A COOPERATIVAS
E CELEBRAM PARCERIAS DE SUCESSO NA
PROGRAMAÇÃO CULTURAL**



O PODER DO VOLUNTARIADO

INICIATIVAS DO DIA C CONSOLIDAM
O COOPERATIVISMO COMO FORÇA
TRANSFORMADORA DA SOCIEDADE

DIVERSIFICAÇÃO

CERALPA EXPANDE ATIVIDADES E
LEVA O PROGRESSO AO INTERIOR
DE PERNAMBUCO

Prêmio Sescoop

Excelência de Gestão



**Você faz bem
feito e a gente
reconhece.**

O "Prêmio Sescoop Excelência de Gestão" dá destaque às cooperativas que se preocupam com a qualidade na sua gestão e governança. Entre no site, preencha a avaliação e participe! O bom desempenho da sua cooperativa merece reconhecimento.



Inscrições de 30 de março a 5 de junho de 2015 pelo site
premiogestao.brasilcooperativo.coop.br



Multiplicadores da qualidade

O estímulo à prática do voluntariado tem destacado o cooperativismo como instrumento vital na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Seja nas metrópoles ou nas menores e mais longínquas localidades do país, a atuação das cooperativas dá respaldo ao desabrochar de um Brasil melhor para todos.

Nesta edição, um apanhado geral do Dia C mostra como uma iniciativa intrínseca à filosofia cooperativista é capaz de transformar a realidade de um país. Uma boa ideia que começou em Minas Gerais tem se aprimorado por meio de ações que, a cada ano, destacam a importância das cooperativas no desenvolvimento da verdadeira cidadania.

Múltiplo que é desde sua formação, nosso país tem todas as condições de aproveitar diferentes fontes de saber para compor um sistema em que todos se beneficiam. No bem-sucedido modelo cooperativista alemão, por exemplo, o Sistema Ocepar, do Paraná, buscou inspiração para o Programa de Certificação de Conselheiros Cooperativos. É outra iniciativa vitoriosa que tende a se multiplicar pelo país. Quem ganha, mais uma vez, é o cooperado.

São muitas as conquistas que consolidam o cooperativismo brasileiro. O melhor é que o segmento não para de crescer. É o que mostra outro destaque desta edição: a reportagem sobre a Ceralpa, cooperativa pernambucana que expandiu suas atividades e mudou a realidade socioeconômica da região.

Multiplicar continua sendo a palavra-chave. Ainda nesta edição, acompanhe a expansão de

um nicho que tem tudo para se agigantar baseado na vivência das cooperativas: o segmento cultural. Reportagem especial mostra a frutífera parceria entre a arte e a filosofia cooperativista. São Paulo sai à frente nessa produção, que também tem bons exemplos na Bahia, no Piauí e no Rio Grande do Norte.

Um a um, todos somos personagens de um país que ganha qualidade de vida ao aprimorar a interação com o sistema cooperativista. É uma corrente do bem que ainda vai fazer muita gente se orgulhar cada vez mais do Brasil possível de ser moldado pelo espírito cooperativo.

Boa leitura.

MÁRCIO LOPES DE FREITAS

Presidente do Sistema OCB





Sistema OCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 16 • MAR./ABR. 2015
ISSN 2317-5109

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular
Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Denísio Augusto Liberato Delfino – Titular
Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular
Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Ana Maria Vieira dos Santos Neto Xavier

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular
Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular
Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular
Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular
Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular
Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

André Pimentel Pontes – Titular
Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular
Mária de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular
Gilcimar Barros Pureza – Titular
José Aparecido dos Santos – Suplente
Norberto Tomasiini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular
Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente
Renato Nobile – Superintendente

Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do "Sistema S", responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Nelson Claro, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Gabriela Prado

Reportagem

Dijanira Goulart, Luciana Barreto e Viviane Marques

Diagramação

Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Flora Egécia

Capa / Ilustração

Luciana Bastos

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

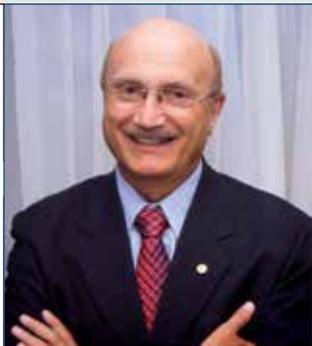
A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco "T" • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

Em destaque, os comentários de lideranças e personalidades do meio cooperativista



08

ENTREVISTA

Reeleito para mais um mandato na Frencoop, o deputado Osmar Serraglio reforça seu compromisso com o cooperativismo.

12

COOPERANDO

Ações do Dia C espelham espírito cooperativista que, fundamentado no engajamento solidário, transforma a realidade social.



SUMÁRIO



20

ESPECIAL

Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 amplia os horizontes da categoria, contemplando agora os poderes Executivo e Judiciário.

24

BOAS PRÁTICAS

Cooperativa pernambucana investe na diversificação e alcança índices de crescimento cada vez maiores.

28

NOSSO BRASIL

No interior de Minas, Saromcredi leva vida nova a uma região que, antes da cooperativa, vivia isolada e desconhecida o progresso.

32

GOVERNANÇA

Colaboradores do Sistema OCB desenvolvem qualificação por meio do Programa de Desenvolvimento de Competências.

36

PERSONAGEM

Com 62 anos de dedicação à causa cooperativista, Ronaldo Scucato conta que sua vida sempre esteve fundamentada no coletivo.

40

INOVAÇÃO

Artistas se associam a cooperativas, ampliam sua atuação e obtêm conquistas importantes, como redução da carga tributária.



48

GESTÃO

Do Paraná para todo o país, Programa de Certificação de Conselheiros Cooperativos aprimora lideranças cooperativas.



50

ARTIGO

Martha Gabriel, autora do best seller *Marketing digital*, afirma que devemos mudar todos os dias para continuarmos a ser nós mesmos.

52

FIQUE DE OLHO

Acompanhe os eventos e fatos de repercussão de diferentes regiões do país

54

MEMÓRIAS

Roberto Rodrigues fala sobre o dia em que quase provocou um incidente diplomático durante missão cooperativista na Argentina.



“*Temos a plena certeza de que as cooperativas, independentemente do ramo, são instrumentos que assegurarão o cumprimento de nossa missão: promover um sistema financeiro nacional sólido.*”

LUIZ EDSON FELTRIM,
diretor de Relacionamento Institucional e Cidadania do Banco Central

“*Mais importante do que investir na formação de novas cooperativas é investir na formação dos cooperados, em educação.*”

PROFESSOR DERLI SCHIMITD,
diretor-geral da Escoop

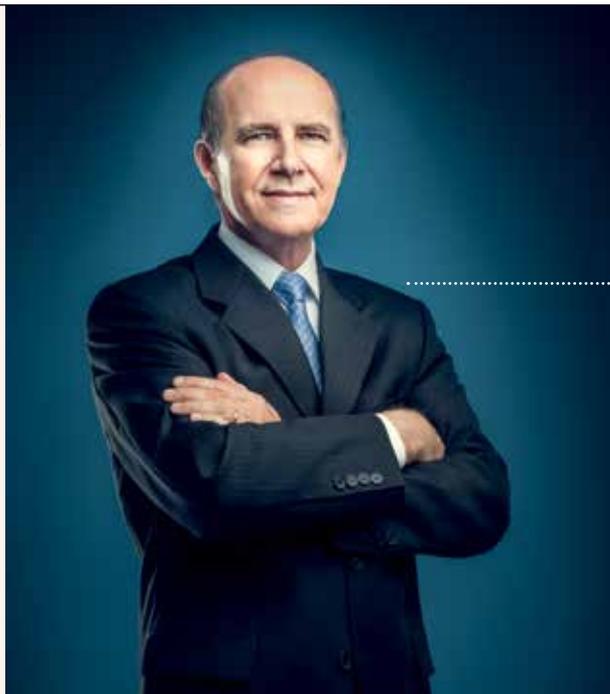


O cooperativismo é uma grande oportunidade para os empreendedores porque eles se unem e conseguem diminuir custos. Sou totalmente a favor.”

LUIZA HELENA TRAJANO,
presidente da rede de lojas Magazine Luiza, em reportagem da revista da Unimed do Brasil

Unimed/Divulgação





“As cooperativas são inovadoras e criativas e promovem uma matemática em que 1+1 é igual a 3.”

PAPA FRANCISCO

“O papel do Poder Judiciário em relação às cooperativas é estabelecer limites e possibilidades de atuação, visando, no final, ao desenvolvimento do país por meio do cooperativismo.”

NEWTON PEREIRA RAMOS NETO,
juiz federal



Crises são cíclicas e, por isso, precisamos enfrentá-las não com medo, mas com planejamento, ousadia e foco em nossos negócios.”

ALFREDO LANG,
presidente da C. Vale

“Antes de crescer em número de associados, nosso maior dever é atender cada vez melhor aqueles que já fazem parte da nossa cooperativa e reverter isso também para a comunidade.”

MÁRIO JOSÉ KONZEN,
vice-presidente da Sicredi Pioneira



A força do cooperativismo no Congresso



Nosso propósito é dar voz às principais demandas e prioridades do cooperativismo na tramitação de projetos de lei, medidas provisórias e outras proposições legislativas. ”

Há quase 30 anos atuando como tradicional e importante parceira do Sistema OCB nas negociações junto ao Congresso Nacional, a Frente Parlamentar de Cooperativismo (Frencoop) inicia mais uma gestão fundamentada nas demandas de um dos setores econômicos mais expressivos do país. Reeleito para presidir a Frencoop, o deputado Osmar Serraglio, do Paraná, reafirmou seu compromisso de aprimoramento e fortalecimento do cooperativismo como real alternativa de inclusão produtiva e de transformação da vida de milhões de brasileiros, durante a cerimônia de lançamento da Agenda Institucional do Cooperativismo 2015, em 24 de março último. Nesta entrevista à Saber Cooperar, o deputado atesta a legitimidade e a credibilidade perante seus pares ao relatar, com domínio e propriedade, tanto as dificuldades quanto os avanços relacionados às principais proposições de interesse do setor. Ele também aponta os maiores desafios da agenda legislativa do cooperativismo nesta legislatura.



Sua experiência acumulada e a sua credibilidade junto ao setor o credenciaram à renovação do mandato na condução da Frente Parlamentar do Cooperativismo. Como o senhor avalia a última legislatura em termos de representatividade política e êxito na tramitação das proposições?

Nós, integrantes da Frente Parlamentar do Cooperativismo, exercemos um importante papel no Congresso Nacional, pois temos o propósito de dar voz às principais demandas e prioridades do cooperativismo na tramitação de projetos de lei, medidas provisórias e outras proposições legislativas. Para que esta atuação seja feita de forma eficiente e organizada, temos um canal de interlocução direta com a OCB, que nos traz respaldo técnico e o apoio necessário para a realização de reuniões e encontros institucionais com lideranças cooperativistas e autoridades do Poder Executivo. A partir da indicação desses pleitos pela OCB, levantados junto às suas organizações estaduais e cooperativas, começamos o nosso trabalho nas comissões e plenários do Congresso para assegurar a inclusão dos interesses do cooperativismo nas proposições em tramitação, sendo necessário o nosso constante contato com os relatores de projetos, líderes partidários, presidentes de comissões e outros parlamentares com influência no Poder Legislativo.

Difusão



Um setor que compreende quase 7 mil cooperativas, mais de 11 milhões de associados, beneficiando diretamente mais de 40 milhões de pessoas, é inegavelmente forte, organizado, representativo. ”

Nesse sentido, que exemplos bem-sucedidos o senhor poderia destacar?

Como resultado dessa atuação, acumulamos importantes vitórias para o marco regulatório do cooperativismo na legislatura passada, das quais destaco a inclusão de emenda na Medida Provisória 656/2014 (transformada na Lei nº 13.097/2015), que assegurou a manutenção das regras de classificação contábil do capital social das cooperativas, que estava ameaçada pela interpretação do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (ICPC-14), a participação efetiva do cooperativismo na elaboração do novo Código Florestal (PL 1876/1999 - Lei nº 12.651/2012) e a regulamentação das cooperativas de trabalho a partir da aprovação do PL 4.622/2004 (convertido na Lei nº 12.690/2012).

O senhor poderia mencionar os principais desafios legislativos a serem enfrentados nesta legislatura?

Com o início de um novo mandato, a intenção é continuarmos a integração harmoniosa entre o Congresso Nacional e as lideranças cooperativistas, com foco na aprovação do PLP 271/2004, que trata do adequado tratamento tributário ao Ato Cooperativo, e no amadurecimento das discussões sobre o PL 519/2015, que dispõe sobre a Lei Geral das Cooperativas. O chamado Ato Cooperativo, projeto do qual sou

relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), tramita em regime de urgência no Plenário da Câmara dos Deputados e é uma proposição essencial ao efetivo desenvolvimento do cooperativismo no Brasil. Em relação à tramitação da nova Lei Geral das Cooperativas, avançamos bastante nas discussões da matéria - aprovada no final do ano passado pelo Senado Federal. Agora é a hora de a Câmara discutir o projeto na busca de um texto justo e equilibrado, que consiga atender aos interesses de todos os atores envolvidos.

Considerado o momento político, como está a expectativa para o atual mandato?

Quanto à atuação da Frente Parlamentar, está tudo bem, pois trabalhamos por um setor progressista, organizado. É claro, porém, que o segmento não está isolado, como uma ilha, já que está inserido no contexto econômico que hoje passa por certa insegurança. Não sabemos, com exatidão, o que vai acontecer. Torcemos para que, de fato, consigamos sair dessa dificuldade e dar um rumo mais correto para o país. Estamos, atualmente, com as exportações em decadência, balança deficitária, juros subindo, inflação assustando, ultrapassando o teto. O que vai acontecer? Da nossa parte, tentaremos contornar a crise, atravessar esse mar revolto e chegar a um bom porto.

Como a OCB, em sua imensa capilaridade Brasil afora, efetivamente atua no apontamento e na defesa de prioridades para o setor?

Sem dúvida, a OCB é uma parceira fundamental, que vem balizando, com legitimidade e propriedade, as nossas ações. A *Agenda Institucional do Cooperativismo*, por exemplo, é uma dessas ferramentas norteadoras do nosso trabalho, que inclui o acompanhamento das proposições legislativas, bem como o diálogo político com os poderes Executivo e Judiciário. Ela traz os pontos que são, de fato, prioritários e que revelam os anseios da base, questões fundamentais para o desempenho das suas atividades, no seu dia a dia. Um setor que compreende quase 7 mil cooperativas, mais de 11 milhões de associados, beneficiando diretamente mais de 40 milhões de pessoas, é inegavelmente forte, organizado, representativo. Eu venho de um estado em que

o cooperativismo efetivamente tem expressão: no Paraná, mais de 50% da produção agropecuária é ligada ao cooperativismo. Essa representatividade é claramente percebida no espaço e na força que tem o movimento no Congresso Nacional. As cooperativas são vistas e reconhecidas como um segmento importante para o desenvolvimento do país, com uma atuação frequente e assertiva na defesa de suas bandeiras. À frente desse trabalho, a OCB nos oferece apoio irrisório para atuarmos na Câmara e no Senado. Por isso, tenho certeza de que, contando com essa aliança e com a competência técnica da OCB e dos seus braços em todas as unidades da federação, cada vez mais, contribuiremos para o fortalecimento do movimento cooperativista, que, mesmo em tempos de crise econômica, tem a capacidade de gerar oportunidades de inclusão social e de emprego e renda a milhões de brasileiros. ■



Divulgação



Cooperativismo transformador

Presente em atividades no Dia C, engajamento solidário impulsiona o desenvolvimento de comunidades em todo o país, por meio de ações que solidificam a construção da qualidade de vida





*Dia C é a
essência do
cooperativismo
colocada em
prática. ”*

RENATO NOBILE,
superintendente do Sistema OCB

Historicamente, a solidariedade sempre moveu o homem rumo a seus pares, conforme demonstra, na prática, o fundamento de toda a estrutura cooperativista. Quanto mais adversa a situação, maior a coesão social que se forma em torno de comunidades desassistidas e grupos pouco amparados. Para agregar força institucional e esforço continuado a ações que merecem ultrapassar o mero caráter pontual e assistencialista, o Sistema OCB reafirma sua missão ao promover, gradativa e sistematicamente desde 2013, o Dia de Cooperar - Dia C. A iniciativa já envolveu, em todo o país, 1.218 cooperativas e quase 120 mil voluntários, beneficiando diretamente 1,4 milhão de pessoas. Atualmente, são 755 projetos ativos nas áreas de educação, saúde, cultura, esporte, lazer, sustentabilidade e responsabilidade social.

Nascido em solo mineiro, em 2009, o bom exemplo foi assumido por todo o sistema cooperativista e vem sendo aprimorado e expandido estados afora, Brasil adentro. Em 2013, o projeto piloto nacional abrangeu oito estados e, no ano seguinte, 25 unidades da federação já estavam mobilizadas em uma grande campanha de estímulo ao voluntariado e progressiva formação de agentes de desenvolvimento social. A partir deste ano, em justa homenagem ao Dia Internacional do Cooperativismo, a celebração se desloca de setembro para 4 de julho. *Juntos pelo bem* é o mote da campanha.

“Fomentamos um olhar social não assistencialista, mas de transformação da realidade”, explica Maria Eugênia Ruiz, gerente de Desenvolvimento Social do Sistema OCB. O trabalho, adianta, se dá no sentido de constituir, junto às unidades estaduais, um planejamento estratégico coincidente com os princípios que regem o Sistema, em especial a adesão voluntária e livre, a gestão democrática e o interesse pela comunidade. “O fato de sermos um modelo econômico diferenciado possibilita esse alinhamento com o que de mais urgente é demandado pela própria sociedade”, define.

“Regiões com cooperativas bem-estruturadas não apresentam baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)”, afirma Maria Eugênia, ao defender a importância da indução social das entidades “sempre em consonância com a realidade que as circunda”. Para a gerente, após a sensibilização dos próprios cooperados, o que se espera é “a constituição de uma rede nacional e continuada em torno de ações comunitárias”. O cooperativismo, afinal, configura um braço importante do desenvolvimento nacional ao somar 11,5



Divulgação



Programa contempla ações para todas as faixas etárias em Oiapoque:



milhões de associados em 6,8 mil entidades.

“O Dia C é a essência do cooperativismo colocada em prática”, resume o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile. “Ações tão amplas, associadas à criatividade do brasileiro, que consegue propor soluções factíveis para situações diversas, constituem um fermento vivo de geração de conhecimento, troca de experiências e estímulo da prática coletiva e comunitária. Agrego ainda outra concepção social à iniciativa, que é a oportunidade de levarmos o conhecimento do modelo cooperativista para a sociedade, que se deixa sensibilizar e passa a aderir livremente à iniciativa”. De acordo com sua avaliação, “o Dia C é absolutamente aderente ao espírito comunitário, assim como o cooperativismo, dado o seu horizonte coletivo, público, agre-

gador. São fáceis de serem assimilados, são modelos convergentes”.

Nobile também destaca que “outra oportunidade excelente que deriva do Dia C é a efetiva aproximação com entidades do poder público”. Aponta, como exemplos significativos, a parceria com a Secretaria de Segurança Pública, que se responsabiliza pela emissão de documentos pessoais, e o engajamento dos Tribunais Regionais Eleitorais, no ano passado, durante a época das eleições, na campanha pelo voto ético. “É uma via de mão dupla que se multiplica exponencialmente”, conclui o superintendente.

UM GESTO, UM EXEMPLO

Para ilustrar o verdadeiro espírito cooperativista e o que cha-

ma de “ganho de irradiação positiva”, um episódio, em particular, assumiu relevo aos olhos do superintendente, que, em 2014, esteve em Boa Vista durante as atividades do Dia C no estado de Roraima. A despeito da distância - cerca de 200 quilômetros -, um indígena se deslocou de táxi de sua pequena comunidade no município de Pacaraima, pertencente à Reserva Indígena São Marcos, já na divisa com a Venezuela, para deixar 75 kg de farinha de mandioca na Casa do Vovô, entidade de apoio a asilos e abrigos. Lindolfo Flores Marques esteve na capital representando a Cooperativa Agropecuária Indígena de Pacaraima, da qual é tesoureiro, para doar uma das principais fontes de produção e subsistência de sua comunidade. “Um gesto maravilhoso, que só confirma que solidariedade e cooperação não têm

limite”, comemora Nobile.

Maria Eugênia Ruiz também acompanhou de perto uma bem-sucedida ação no Tocantins. O apelo da Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (Apae) da pequena cidade de Pedro Afonso foi encampado, em 2013, por cerca de 300 voluntários - esforço que resultou na construção de um espaço multiuso para a instituição, que vinha atendendo, de modo precário, 92 crianças. Junto aos cooperados e à comunidade em geral, foram arrecadados diversos materiais de construção e mais de R\$ 8 mil, o suficiente para dar início à obra. Em meio a outras atividades previstas para o Dia C, no ano seguinte, o Sistema OCB/TO prosseguiu no apoio à iniciativa conduzida pela Cooperativa Agroindustrial do Tocantins (Coapa), que vem obtendo, inclusive, mão de obra voluntária.

“A campanha continua até obtermos os R\$ 80 mil necessários à unidade pedagógica e terapêutica da Apae”, explica Maria Silva Ramos, gerente de Desenvolvimento Humano da Coapa. Para ela, uma iniciativa como essa “contribui para a mudança de cultura e a interiorização de valores como solidariedade e amor ao próximo”. O município, de 12,5 mil moradores, vem dando outros exemplos de voluntariado continuado, a partir de ações promovidas por ocasião do Dia C, como o plantio de diversificado viveiro de mudas para distribuição à comunidade e reflorestamento de áreas degradadas e entrega de brinquedos pedagógicos e livros para alunos carentes da creche Mundo da Criança. A Cooperativa de Edu-

cadores de Pedro Afonso (Coed) e o Sicred do Tocantins estão igualmente integrados nessa união pelo bem comum. É o princípio da intercooperação

TRAVESSIA SOLIDÁRIA

No sentido de avançar até onde o poder público nem sempre consegue alcançar, o Sistema OCB tem chegado a lugares absolutamente longínquos, desassistidos, à margem do progresso social e econômico. Mais do que simplesmente ilustrar o espírito de livre adesão e voluntariado, a ação do Dia C realizada no ano passado em Oiapoque, no Amapá, apresenta-se como emblemática do espírito cooperativista.

Patrícia Resende, analista de Promoção Social do Sescop, integrou a caravana que partiu da sede do Sistema OCB/AP e enfrentou buracos, atoleiros e mais de dez horas de viagem na única via terrestre e não pavimentada de acesso ao município distante 590 km da capital, Macapá, e fronteiriço à Guiana Francesa. Ela avalia como “absolutamente positiva” a atividade realizada no ano passado. “Um grande mutirão retirou mais de 20 toneladas de lixo da orla do rio Oiapoque, participando ainda de atividades relacionadas ao meio ambiente”, conta. Segundo a colaboradora, a adesão espontânea e entusiasmada, por parte de voluntários e cooperados, deve-se especialmente à “importância vital do rio para a região, grande en-



Um grande mutirão retirou mais de 20 toneladas de lixo da orla do rio Oiapoque, participando ainda de atividades relacionadas ao meio ambiente. ”

PATRÍCIA RESENDE,
analista de Promoção Social do Sescop





O Sistema OCB é a nossa mãe aqui, é o que organiza, capacita, prepara, fornece os cursos. ”

JOSÉ RIBAMAR DE SOUZA BRITO,
presidente da Cooperativa Mista Fluvial de Catraieiros do Oiapoque (Comfcoi)

trada de divisas e de recursos e uma das principais fontes de sustento da comunidade”.

O presidente do Sistema OCB/AP, Gilcimar Pureza, considera um grande paradoxo a precariedade econômica de Oiapoque. “Não importa se está localizado no início ou no fim do Brasil, o fato é que o município é completamente esquecido pelo poder público, justo o que foi a porta de entrada do primeiro euro no país”, analisa. De acordo com ele, a situação de isolamento acabou por gerar nos moradores “um sentimento de cidadania e de apropriação das questões coletivas, algo fundamental para o cooperativismo”. Orientadas por esse espírito, as duas cooperativas de catraieiros (barqueiros) de Oiapoque abraçaram o projeto de limpeza da orla e de conscientização ambiental da população quanto à necessidade de não poluir o rio. Gilcimar relata que a ideia partiu da própria categoria, proposição que o Sistema OCB endossou por completo.

A cidade se organiza social e economicamente em torno do rio Oiapoque, já que a travessia da margem brasileira para a francesa assegura a renda e a sobrevivência de muitas famílias da região. Segundo o presidente da Cooperativa Mista Fluvial de Catraieiros do Oiapoque (Comfcoi), José Ribamar de Souza Brito, 149 famílias dependem exclusivamente dessas viagens de uma ponta a outra, percursos que chegam a consumir por ano R\$ 6 milhões em gasolina e manutenção das embarcações.

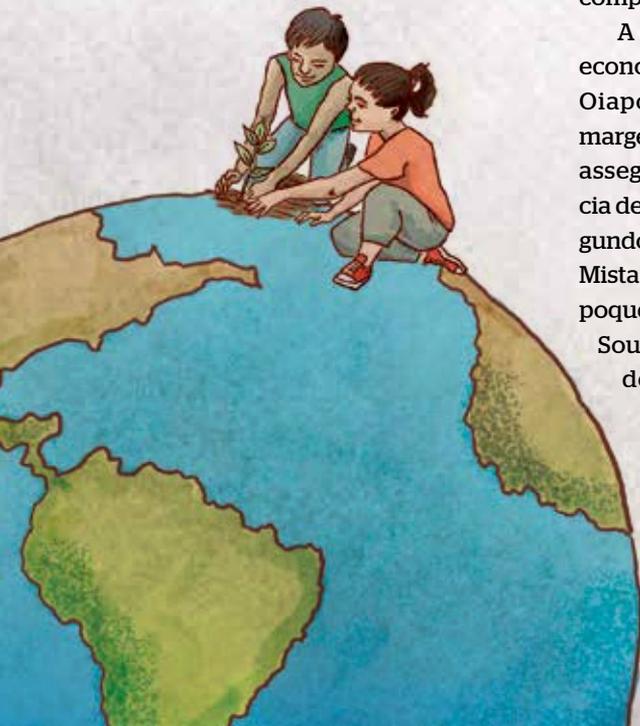
Essa fonte de renda, entretanto, está ameaçada com a construção da ponte binacional ligando os dois países. O temor dos catraieiros é a redução em até 90% de suas atividades. Tal receio vem sendo acompanhado pela unidade do Sistema OCB no Amapá, que apoia a qualificação dos trabalhadores em empreendimentos associados a turismo, pesca, piscicultura e gastronomia. “O Sistema OCB é a nossa mãe aqui, é o que organiza, capacita, prepara, fornece os cursos”, reconhece Ribamar. “Não fosse o trabalho organizado das cooperativas, Oiapoque estaria completamente à deriva.”

FÉ NO OUTRO, FÉ NA VIDA

Avistar em um horizonte próximo o sonho possível de dias melhores configurou o projeto institucional assentado no princípio da intercooperação e na promoção sistemática do voluntariado. Carinhosamente intitulado de Dia C, o Dia de Cooperar nasceu em Minas Gerais, irradiou o exemplo para todo o Sistema OCB e hoje alcança 26 estados brasileiros.

Belo Horizonte se faz vitrine do que é essa “grande corrente do bem”, como orgulhosamente costuma sublinhar o presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato. Ele sempre aponta o cooperativismo como modelo econômico ideal, emblemática referência em responsabilidade social a ser expandida em escala progressiva.

Até 2014, somente no estado mineiro, mais de 40 mil voluntários



Instituto Pedra Viva, em Minas Gerais: formação integral de crianças e adolescentes a partir de atividades relacionadas a educação, arte, cultura e esporte



dedicaram sua convicção e trabalho a um projeto que já beneficiou no mínimo 30 mil pessoas em cerca de 600 municípios. Em 12 de março deste ano, mais de 100 representantes de cooperativas estiveram presentes no lançamento da sétima edição do Dia C. A expectativa é ampliar de 240 para 350 o número de instituições participantes.

De acordo com Andréa Sayar, gerente de capacitação do Sistema Ocemg, “o grande propósito é expandir a intercooperação das entidades, bem como, nas próprias cidades, as cooperativas conseguirem se unir e se articular na mobilização de amigos, familiares e de toda a comunidade”. A consolidação dessa rede pressupõe que a realização do Dia C assumo vulto e

visibilidade como um evento significativamente mobilizador das comunidades associadas ao cooperativismo, legitimando-se cada vez mais como um marco confiável de comprometimento social.

INTERCOOPERAÇÃO

Como estado pioneiro nas ações de voluntariado no campo do cooperativismo, Minas Gerais internalizou a iniciativa do Dia C como uma agenda programada e de grande retorno social. A Federação Nacional das Cooperativas Médicas (Fencom) personifica dois exemplos de engajamento: a campanha de doação de sangue feita pelo Hemominas e ajudas sistemáticas ao Instituto de Desenvolvimento Sus-

tentável e Apoio a Pessoa Humana de Ribeirão das Neves (Idap), projeto social que destina à população carente do bairro Justinópolis, em Ribeirão das Neves (Grande BH), atividades de lazer, acesso a cursos e outras oportunidades. O objetivo principal é o resgate da dignidade das famílias por meio das iniciativas Bom de Bola, Inclusão Digital e Projeto Sorria, além de aulas de dança, música, artes cênicas, oficinas profissionalizantes, apoio escolar e orientação psicológica. No ano passado, oito cooperativas do Sistema Fencom se uniram para organizar as ações do Dia C, que resultaram em uma grande festa para mais de 200 crianças do Idap.

Maria Luísa Viana, diretora administrativa da Fencom, conta que,



Instituto Pedra Viva



no início, as ações tinham caráter mais pontual, concentradas no dia do evento. Hoje, ganham cada vez mais abrangência, buscando continuidade e sustentabilidade. “Essa deve ser a tendência do projeto para beneficiar as pessoas de forma mais efetiva”, orienta. “Com isso, os retornos sociais são muitos, até porque a diversidade do projeto é grande, envolvendo áreas como doação de alimentos, saúde, educação, reciclagem.”

Segundo a diretora, este ano o projeto prossegue em parceria com a Fundação Hemominas e o Idap com um cronograma planejado de doações, além de uma ação,

já em curso, de economia de água e energia elétrica junto às cooperativas filiadas. A novidade é uma campanha de coleta de anéis de latinhas para serem trocadas por cadeiras de rodas e doadas a entidades que necessitem. “Com isso, seremos multiplicadores de bem-estar, respeito ao meio ambiente e solidariedade”, conclui.

Outra significativa amostra de solidariedade no estado mineiro atesta a força transformadora do cooperativismo. O olhar social estendido a estratos menos favorecidos da população por parte da Cooperativa de Crédito Central de Minas Gerais (Cecremge) tem me-

lhorado a rotina de jovens e famílias de Lagoinha, bairro de origem operária de Belo Horizonte. Um projeto de feição continuada é suporte para o funcionamento e a expansão do Instituto Pedra Viva, centro de formação integral de crianças e adolescentes a partir de atividades relacionadas a educação, arte, cultura e esporte. Graças a doações e apoios expressivos de algumas instituições, cerca de 100 jovens entre 6 e 17 anos, em situação de vulnerabilidade social, vêm contando com integração escolar e atendimento psicológico.

Após decisão colegiada das seis cooperativas que integram a

Cecremge, o Instituto Pedra Viva é a entidade apadrinhada desde o ano passado. O apoio se dá não apenas por meio de doações sistemáticas e arrecadação junto aos cooperados e familiares, seja de dinheiro seja de itens para o bazar do centro, mas pelo esforço continuado de oferta de cursos ao público alvo.

Em 6 de setembro do ano passado, data coincidente ao Dia C, foi inaugurada a biblioteca do Instituto a partir da doação de 1,5 mil livros, mesas para estudos e outros itens apropriados a uma boa ambientação de leitura. À frente do projeto na Cecremge, Leiliane Peixoto informa que R\$ 2 mil são levantados junto aos cooperados para a composição do repasse mensal feito ao Pedra Viva - o que contribui para a manutenção dos cursos de português, inglês, informática, artesanato, violão, percussão, bem como o reforço escolar e o atendimento psicológico. As refeições, oferecidas em dois turnos, também são fruto da campanha, ação que dispõe do apoio da prefeitura. "Remunerar os instrutores foi um passo fundamental para a garantia e qualidade dos cursos", avalia Leiliane.

De modo grato, Nilse Faria Campos, diretora do instituto, fala sobre o apoio que considera vital: "Estávamos para fechar a casa, no momento em que essa ajuda tão expressiva chegou. Era o fôlego de que precisávamos para prosseguir com o nosso atendimento". Foi sua comoção com as crianças em situação de desamparo em Lagoinha que a levou a montar, em 2003, o Pedra Viva. "Agora, sim, contamos com um apoio de porte, algo que

nos motiva ainda mais a cumprir a nossa missão", comemora.

"Iniciativas como essa fortalecem a solidariedade, a autonomia e a ação coletiva, os ideais perenes do cooperativismo, ajudando a construir uma sociedade cada vez mais justa e democrática", avalia o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. "Estamos felizes com os resultados obtidos até hoje e muito confiantes de que em 2015 os números serão encantadoramente maiores. Em cada cidade por onde a marca do Dia C passou, deixamos um rastro de solidariedade."

A respeito das ações que se fizeram provas visíveis do princípio do cooperativismo e da autêntica força do voluntariado, é com orgulho que Márcio Lopes de Freitas afirma: "Vamos fazer essa corrente do bem crescer exponencialmente, contando com o apoio de cada pessoa, cada cidadão para que isso ocorra. Eu estou certo de que o Dia C já faz parte do calendário brasileiro do voluntariado e que, cada vez mais, o cooperativismo será conhecido e reconhecido por seu poder transformador."



O Dia C já faz parte do calendário brasileiro do voluntariado e, cada vez mais, o cooperativismo será conhecido e reconhecido por seu poder transformador. ”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB





Prioridades para 2015

Em sua nona edição, documento amplia suas metas e aborda, além do poder Legislativo, demandas ao Judiciário e ao Executivo

Divulgação



* A Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 está disponível em todas as unidades estaduais da OCB, podendo seu conteúdo ser acessado pelo site www.ocb.org.br

Zelar pelo espaço do segmento cooperativista junto aos três poderes é o foco da Agenda Institucional do Cooperativismo 2015, lançada em 26 de março, no Centro Empresarial Brasil 21. Até então centrado no Poder Legislativo, este ano o documento apresenta demandas que contemplam os poderes Executivo e Judiciário. A meta é trabalhar em todas as frentes, assegura o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “Acredito que a ampliação da nossa agenda nada mais é que um processo evolutivo”, afirmou, durante o discurso proferido na solenidade. “Hoje, vivemos um momento ímpar, onde a velocidade das mudanças é muito grande e reflete, necessariamente, nos três poderes. Por isso, essa é uma oportunidade de apresentar propostas e solu-



Hoje, vivemos um momento ímpar, onde a velocidade das mudanças é muito grande e reflete, necessariamente, nos três poderes. Por isso, essa é uma oportunidade de apresentar propostas e soluções claras e construir uma agenda positiva e permanente para o cooperativismo.”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB

ções claras e construir uma agenda positiva e permanente para o cooperativismo.”

O presidente lembrou que o foco da agenda está na regulamentação do tratamento dispensado ao ato cooperativo. “É nosso projeto prioritário”, resumiu. “Quando falamos de um adequado tratamento tributário, não significa um pedido de isenção tributária, mas um tratamento justo, a fim de evitar que o cooperado pague impostos duplicados como pessoa física e como cooperativa. É essa questão que precisa ser definida urgentemente.” As propostas apresentadas, concluiu, evidenciam o empenho do movimento cooperativista em participar de forma efetiva do desenvolvimento do país, contribuindo para a construção de um futuro com sustentabilidade econômica.

OS TRÊS PODERES

Além de lideranças cooperativistas e instituições parceiras, o evento de lançamento da Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 contou com a presença de representantes dos três poderes. Durante a cerimônia, o deputado federal Osmar Serraglio (PR), presidente reeleito da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), defendeu a importância do trabalho voltado ao ato cooperativo. Lembrou que a Constituição prevê para as cooperativas um tratamento tributário adequado e defendeu um diferencial de tributos que corresponda às características do segmento - compreendido não como uma sociedade de capital, mas co-

mo uma sociedade de pessoas.

Serraglio acrescentou que o trabalho desenvolvido no Congresso Nacional visa marcar o espaço do cooperativismo como uma das principais alternativas de inclusão produtiva e de transformação. “Acima de tudo, estamos buscando fazer com que resultados efetivos se sucedam em todo o segmento cooperativista”, frisou. “Representando mais de 11 milhões de cooperados em todo o Brasil, buscamos aprimorar as nossas atividades na agropecuária, na produção, no transporte, no trabalho, na saúde, na educação, no crédito, na habitação, na infraestrutura, nos minérios, no turismo, no lazer, no consumo e em atividades especiais, conscientes de que merecemos ser respeitados. Tenho a convicção de que podemos alcançar uma participação cada vez maior das cooperativas na agenda de decisões, na inclusão produtiva e na economia do país.”

O diretor de Relacionamento Institucional e Cidadania do Banco Central do Brasil, Luiz Edson Feltrim, parabenizou a iniciativa do Sistema OCB e falou sobre a importância do cooperativismo de crédito, que, além de fomentar a inclusão financeira, tem a capacidade de capilarizar o sistema financeiro em localidades às quais o sistema bancário não chega, sendo também agente de concorrência nas praças, onde já existem os serviços bancários. “Esperamos que não só o ramo do cooperativo de crédito, mas também os demais ramos, funcionem como agentes de educação financeira”, declarou. “Esses são os pilares da estabilidade financeira.



Guilherme Karidel



Luiz Edson Feltrim (diretor de Relacionamento Institucional e Cidadania do Banco Central), Márcio Lopes de Freitas (presidente do Sistema OCB), deputado Osmar Serraglio (presidente da Frencoop) e Newton Pereira Ramos Neto (presidente da Ajufer): laços fortalecidos

Tais elementos contribuem para que o nosso sistema possa ser cada vez mais sólido, eficiente e colabore para o desenvolvimento econômico e social do país.”

O presidente da Associação dos Juizes Federais da 1ª Região (Ajufer), Newton Pereira Ramos Neto, destacou a Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 como mais uma forma de o Poder Judiciário conhecer melhor o universo cooperativo. Lembrou que, durante muito tempo, o cooperativismo era visto como uma forma de burlar a legislação trabalhista, visão que, em sua avaliação, já está ultrapassada e situa o universo das cooperativas como uma realidade estabelecida. No entender do juiz, o Judiciário brasileiro precisa conhecer, de forma mais aprofundada, os parâmetros, as necessidades e as dificuldades do mundo cooperativo.

“Eu parabenizo a iniciativa do Sistema OCB de, ao elaborar a Agenda Institucional de 2015, ampliar seu leque de possibilidades de diálogos para além do Poder Legislativo, contemplando agora os poderes Executivo e Judiciário”, disse. “Boa parte dos postos de trabalhos do Brasil é ocupada pelo modelo cooperativo, sendo importante, portanto, que o Poder Judiciário conheça as peculiaridades e necessidades desse sistema, para que juntos possamos construir um modelo efetivamente adequado à nossa realidade. Espero que esse diálogo permita que todos nós, de mãos dadas, colaboraremos para o desenvolvimento do país.” ■



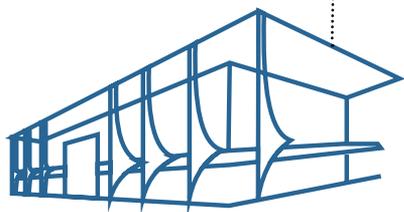
Eu parabenizo a iniciativa do Sistema OCB de, ao elaborar a Agenda Institucional de 2015, ampliar seu leque de possibilidades de diálogos para além do Poder Legislativo, contemplando agora os poderes Executivo e Judiciário. ”

NEWTON PEREIRA RAMOS NETO,

presidente da Associação dos Juizes Federais da 1ª Região (Ajufer)

PRINCIPAIS PROPOSTAS

EXECUTIVO



No capítulo dedicado ao Poder Executivo, a Agenda dispõe 15 temas prioritários. O objetivo é contribuir para que os marcos regulatórios e as políticas públicas contemplem as demandas e peculiaridades do movimento cooperativista.

A intenção é firmar o cooperativismo como um modelo econômico sustentável, capaz de aprimorar as políticas de inclusão social e de geração de renda e, com isso, fortalecer o seu papel como parte da agenda estratégica do país. Também são prioridades o acesso ao crédito e a linhas de financiamento público pelas cooperativas e a segurança jurídica e regulatória do setor.

LEGISLATIVO



Para o Poder Legislativo, a Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 listou 39 propostas. O destaque é a definição do adequado tratamento tributário ao ato cooperativo, tema já previsto na Constituição Federal de 1988. O objetivo é garantir que o setor não seja tributado duas vezes - a cooperativa como pessoa jurídica e o cooperado como pessoa física. O assunto é abordado no Projeto de Lei Complementar (PLP) 271/2005, em tramitação na Câmara dos Deputados.

Outro assunto em destaque é o Projeto de Lei (PL) 519/2015, também conhecido como Lei Geral das Cooperativas. O ponto principal é que a legislação seja adaptada às reais necessidades das sociedades cooperativas, sem que haja uma revogação total da lei vigente.

JUDICIÁRIO



Para o Poder Judiciário, os destaques têm como foco temas ligados ao novo Código Florestal, a não equiparação do empregado de cooperativa de crédito ao bancário e a contribuição previdenciária do tomador de serviços de cooperativas. A meta é divulgar o modelo societário e a filosofia cooperativista junto a magistrados, desembargadores, ministros e procuradores.



VEJA MAIS NA
REVISTA DIGITAL



Reciclando AÇÕES

*Em Pernambuco, cooperativa
retoma o crescimento ao
investir na diversificação de
suas atividades*





Os anos 2000 mal tinham começado quando, numa guinada exemplar, a Cooperativa de Energia e Desenvolvimento do Alto Pajeú (Ceralpa) passou a substituir sua principal atividade econômica, a eletrificação rural. A instituição vinha perdendo espaço devido à chegada da concessionária estadual de energia à região e à redução da demanda ocasionada pelo cumprimento das próprias metas de levar luz ao sertão de Pernambuco. Atualmente com ampla atuação no ramo Infraestrutura, a Ceralpa comercializa produtos eletrorurais e desenvolve projetos de perfuração de poços artesianos, além de reciclagem de resíduos sólidos.

A eletrificação e sua manutenção ainda respondem por uma pequena parcela dos negócios da Ceralpa. “Ficar só na eletrificação seria parar no tempo. Hoje, temos condições de elaborar e executar projetos de infraestrutura em geral”, resume Eraldo Feijó, diretor-executivo da cooperativa fundada em 1972 em Afogados da Ingazeira (PE). Atualmente, são cerca de 3,5 mil associados, 90% deles pequenos agricultores que tiveram suas propriedades eletrificadas de forma cooperativa.

Feijó é apontado pelos cooperados como o principal responsável pela efetiva diversificação de atividades da Ceralpa. Engenheiro, arquiteto, administrador e corretor de imóveis, chegou à cidade como gerente da Companhia Energética de Pernambuco (Celpe). Já ligado à cooperativa, em 2001, foi o principal encarregado da implementação do projeto de reciclagem, a mais ousada iniciativa entre as atuais atividades, devi-

do à demanda por novos conhecimentos e investimentos - à época, R\$ 900 mil para a compra do terreno e de equipamentos.

Presidente da Ceralpa, da qual foi um dos fundadores, José Rafael Nunes lembra que Feijó passou três anos estudando o tema. Juntos, pesquisaram experiências de inovação e diversificação das atividades em cooperativas de eletrificação, principalmente no Rio Grande do Sul. “À medida que as companhias de energia chegavam ao interior, as cooperativas ficavam sem atividade”, recorda.

Arriscar-se numa nova área e se reerguer ou encerrar as atividades eram possibilidades reais para a Ceralpa naquela virada de século. “Não foi difícil aprovar a unidade de reciclagem”, afirma Feijó. “Os cooperados queriam manter a cooperativa, até porque a diversificação não dificulta a gestão - trabalhar com recurso escasso, sim.”

O tempo mostrou que a aposta foi acertada. Klabin (papelão), Gerdau (metal), Companhia Industrial de Vidros (CIV), Latasa (alumínio), Frompet (PET) e Santandrê (plástico) são empresas de grande porte que reciclam os resíduos sólidos processados pela Ceralpa. A cooperativa adquire o material de fornecedores cadastrados em 20 cidades do interior de Pernambuco - a maioria na região conhecida como Sertão do Pajeú - e faz o transporte em quatro caminhões próprios. Em 2014, foi comercializada 1,751 tonelada de resíduos sólidos, gerando R\$ 851 mil de receita à Ceralpa. Embora significativo, esse valor já foi proporcionalmente mais alto.

“Desde 2012, quando deixamos de investir na conscientização da popu-



lação para a coleta seletiva, por estarmos aguardando a implantação do aterro sanitário do Pajeú, a participação da reciclagem na nossa receita caiu de 50% para 25%”, assinala Feijó, que pretende retomar as ações conscientizadoras quando o aterro entrar em funcionamento. “Houve redução na coleta em função da piora na qualidade dos materiais recolhidos.”

OUTROS EXEMPLOS

A reciclagem, no entanto, não se trata da única alternativa à eletrificação para a Ceralpa. Uma loja de produtos elétricos para agricultores, ainda na década de 1990, foi a primeira iniciativa no sentido de aumentar as possibilidades de ganhos dos associados. A âncora atracou certa no sertão: as duas unidades, uma na vizinha São José do Egito, oferecem mais de dois mil produtos em estoque, entre motores, bombas e demais equipamentos elétricos para lavoura e irrigação.

Os cooperados são os principais clientes. “O associado adquire os produtos por um preço mais baixo, pois cada compra configura ato cooperativo e acarreta a isenção de alguns impostos”, explica o diretor-executivo. Eles também se beneficiam de outra atividade empreendida pela Ceralpa, a perfuração de poços artesianos, ofertados em condições especiais. Em 14 anos, mais de dois mil deles já surgiram no sertão pernambucano. Nos últimos anos, a cooperativa desenvolveu, ainda, projetos de esgotamento sanitário e construiu adutoras, com recursos da Compa-



Ficar só na eletrificação seria parar no tempo. Hoje, temos condições de elaborar e executar projetos de infraestrutura em geral. ”

ERALDO FEIJÓ,
diretor-executivo da Ceralpa

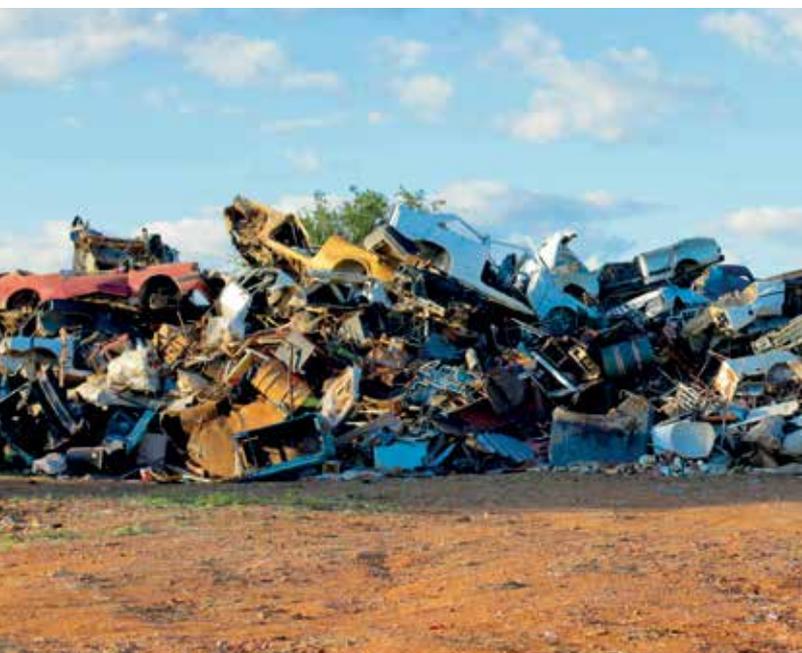
nhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

Mas a Ceralpa, em breve, pretende ampliar ainda mais sua atuação no estado, de olho nos Planos Municipais de Saneamento Básico, projetos locais complementares à transposição do Rio São Francisco.

Os executores deverão providenciar abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais. “É um projeto de planejamento que envolve profissionais de vários setores. Hoje temos capacidade para atuar em qualquer área de infraestrutura”, destaca Feijó. ■



Loja de produtos elétricos para agricultores em São José do Egito: associados adquirem os produtos a preços mais baixos, com isenção de impostos



A reciclagem de produtos sólidos é uma das fontes de receita que prosperaram a partir da iniciativa cooperativista

CERALPA EM DADOS



A cooperativa surgiu pela necessidade da eletrificação rural, mas hoje seus principais focos são reciclagem de resíduos sólidos, perfuração de poços artesianos, distribuição de produtos elétricos rurais e elaboração de projetos de infraestrutura (açudes, barragens, adutoras, sistemas de distribuição de água para a zona rural, esgotamento sanitário, energia fotovoltaica e outros).



Atualmente, conta com 3.476 cooperados, distribuídos nos municípios de Afogados da Ingazeira (sede), Tabira, Solidão, Santa Terezinha, São José do Egito, Brejinho, Tuparetama, Itapetim, Sertânia, Ingazeira, Iguaraci, Carnaíba e Quixaba.



O projeto de reciclagem de resíduos sólidos está presente em mais 11 cidades de Pernambuco: Calumbi, Flores, Serra Talhada, Santa Cruz da Baixa Verde, Triunfo, Custódia, Prata, Ouro Velho, Monteiro, Princesa e Tavares. Faturamento em 2013: R\$ 4.003.900,54.

**Dados de janeiro/2015*



NOSSO BRASIL

SAROMCREDI, cada vez MIA

Cooperativismo de crédito traz desenvolvimento econômico e social para o interior de Minas Gerais



IOR

Uma cooperativa tem o poder de mudar a realidade econômica e social de uma cidade e até de uma região. Um exemplo desse poder de transformação é a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de São Roque de Minas (Sicoob Saromcredi), instituição que, pelos estatutos originais, permite a associação de pessoas físicas ou jurídicas de natureza pública ou privada. Hoje com mais de 15,5 mil cooperados, a Saromcredi registra um crescimento médio de 25% a 30% ao ano. Além de São Roque, atua em Cássia, Delfinópolis, Medeiros, Pratinha, São João Batista do Glória e Vargem Bonita, com a missão de gerar soluções financeiras adequadas e sustentáveis, disponibilizando 47 produtos e 88 subprodutos financeiros.

O cooperativismo de crédito estimula o desenvolvimento susten-

tável. O presidente da Saromcredi, João Carlos Leite, considera que a fundação da cooperativa foi determinante para mudança da realidade econômica e social da região. “Nenhum banco queria vir para cá. Quando montamos a cooperativa de crédito, a economia local foi dinamizada. À medida que a cooperativa disponibilizou serviços bancários básicos, como crédito, poupança e outras facilidades, pudemos ver melhorias na área social e maior incentivo à agricultura e à pecuária”, ilustra.

Fundada em 28 de outubro de 1991, a Sicoob Saromcredi é considerada uma das instituições financeiras mais tradicionais do Brasil. O maior estímulo para o surgimento da cooperativa foi a ausência de uma agência bancária em São Roque de Minas. A cooperativa surgiu pela ação de um grupo de 22 produtores rurais, com o apoio da prefeitura e dos comerciantes locais. O sócio-fundador Antônio Francisco, conhecido como Antônio do Chico, conta que, antes da criação da cooperativa, a região estava em plena decadência, com a economia local desaquecida. “Eu vi a cooperativa começar bem pequenininha. Nós enfrentamos as dificuldades e a descrença das pessoas, e hoje, se a Saromcredi apresenta bons resultados, é sinal de que a nossa semente foi muito bem plantada e cultivada com sucesso.”

A partir desse impacto positivo, a Saromcredi passou a destinar financiamentos aos setores da agricultura e da pecuária. Com isso, houve aumento da produção, do emprego e da renda e, conse-



Hoje com mais de 15,5 mil cooperados, a Saromcredi registra um crescimento médio de 25% a 30% ao ano.

quentemente, maior fluxo financeiro dentro da cooperativa. “Depois da inauguração da cooperativa, os comerciantes passaram a investir mais na cidade”, explica Antônio.

No início de 2000, a cooperativa começou a apoiar a produção do queijo minas artesanal da Serra da Canastra, produto que conquistou a Certificação de Origem concedida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). O título tem o intuito de proteger e valorizar o queijo, já reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). No mesmo período, a cooperativa formou parcerias e abriu acesso à internet para a comunidade, promovendo inclusão digital. A iniciativa resultou na criação do provedor de SRMinas.



*Eu vi a cooperativa
começar bem
pequeninha. A nossa
semente foi muito bem
plantada e cultivada
com sucesso. ”*

ANTÔNIO FRANCISCO,
sócio-fundador

Divulgação



OS COOPERADOS

A empresária Maria Renilda Dupin, associada à Saromcredi desde a fundação, conta que se tornou uma cooperada em virtude da carência de agentes financeiros, na região e por acreditar que a cooperativa não pensaria somente em serviços bancários, mas também na fixação do capital financeiro, social e humano. “Com a atuação da cooperativa, voltaram as oportunidades de investimentos locais e a autoestima da população melhorou”, destaca. “Eu poupei junto à Saromcredi e hoje tenho um hotel. Alcancei a minha conquista pessoal e profissional.”

Os frutos gerados pela Saromcredi serviram de estímulo para outros empresários da região. José Joa-

quim da Costa, o Zezão da Sorveteria, associou-se à Saromcredi assim que ela foi fundada. “Aqui não existia nenhum local onde pudéssemos pagar conta ou aplicar nosso dinheiro”, conta. “Com o apoio da Saromcredi, pude investir na criação do meu próprio negócio. Comprei uma máquina de sorvete cem por cento financiada pela cooperativa e, com o lucro gerado pela venda do produto, quitei o financiamento e ainda pude expandir a minha área de atuação empresarial na cidade. Hoje também trabalho na área de serralheria.”

A produção rural foi outro segmento beneficiado. O veterinário e produtor de queijo Guilherme Ferreira, cooperado, valoriza: “A Saromcredi é uma referência para a região. A cidade deu um salto gigantesco. Além do apoio ao comércio local, a cooperativa incentiva a produção em fazendas, por

meio do custeio de maquinários e outros estímulos. Com isso, a população tem acesso a mais recursos para trabalhar, fato que favorece a economia”.

AÇÕES SOCIAIS

A Saromcredi incentivou a criação da Associação Comercial e Empresarial (ACE) e da Cooperativa Educacional de São Roque de Minas, mantenedora do Instituto Ellos de Educação, escola que desde 1999 atende as crianças da região. Além de apoiar o funcionamento da instituição por meio do repasse do Fundo de Assistência Técnico Educacional e Social (Fates), a cooperativa atua com colaboradores que participam de trabalhos voluntários.

Com essas ações, a Saromcredi se engaja em projetos sociais e es-

timula a educação financeira e cooperativista entre cooperados, colaboradores e a população em geral. “Nós atuamos muito na área de educação”, afiança João Carlos Leite. “Temos uma parceria com a Cooperativa Educacional São Roque de

Minas e, nos outros seis municípios, atuamos em escolas públicas municipais e estaduais. A introdução do cooperativismo nas escolas é uma oportunidade de mostrar às novas gerações reflexões e vivências dos valores e princípios cooperati-

vistas, e com isso formar líderes e sucessores que atuarão nas comunidades de forma consciente, solidária e empreendedora.”

FUTURO

A meta da Saromcredi é ter pelo menos 50% da população da área de atuação como associada e, com isso, estimular a inclusão financeira, incentivando a poupança e o empreendedorismo. Dessa forma, a instituição favorece a economia local e cria o desenvolvimento econômico-social de forma sustentável.

A cooperativa pretende estimular mais parcerias locais e regionais, a fim de gerar novos empregos e renda, por meio do empreendedorismo. Na região da Serra da Canastra, a poupança gerada pela Saromcredi é revertida em operações de crédito que resultam em mais emprego, maior produção, maiores transações comerciais e, consequentemente, excelência na prestação de serviços.

Assim, o mercado local é expandido para negócios e isso aumenta as sobras da Saromcredi, o que propicia um maior investimento na área social, ação que gera retorno financeiro. Para João Carlos Leite, o sucesso da cooperativa está diretamente ligado à participação de todos: “Os cooperados devem compreender a cooperativa de crédito, participar das assembleias e, com isso, se inteirar sobre a importância que tem a cooperativa em suas ações financeiras e sociais”, conclui. ■



Divulgação



Os cooperados devem compreender a cooperativa de crédito, participar das assembleias e, com isso, se inteirar sobre a importância que tem a cooperativa em suas ações financeiras e sociais. ”

JOÃO CARLOS LEITE,
presidente da Saromcredi



Investir para capacitar

Programa de Desenvolvimento de Competências qualifica colaboradores e favorece a estratégia da instituição

Estimular as competências essenciais ao desempenho das funções é o objetivo do Programa de Desenvolvimento de Competências (PDC) para os colaboradores do Sistema OCB, fundamentado no 5º princípio cooperativista, que tem como pilares educação, formação e informação. Segundo o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, o programa se encaixa nos planejamentos estratégicos da OCB e do SESCOOP, que preveem o desenvolvimento contínuo das competências dos colaboradores para o alcance dos resultados institucionais. “A intenção é elevar o nível técnico e profissional dos nossos colaboradores, a fim de melhor representar as cooperativas filiadas ao Sistema OCB”, diz. A ação, enfim, objetiva avanços.

Os benefícios do PDC são muitos, destaca o superintendente: “Na medida em que o Sistema adota essa ação de maneira continuada, o processo de capacitação se potencializa e isso resulta em ganhos, já que os nossos colaboradores poderão exercer suas funções de uma forma mais assertiva e com a qualidade exigida pelo Sistema OCB”. A partir do eixo executivo e técnico, explica Nobile, o PDC já começou a se desdobrar para as unidades estaduais.

Os estados, bem como as cooperativas, têm autonomia para realizar suas próprias ações, enquanto o PDC, coordenado pela unidade nacional, vem complementar essas iniciativas. A divulgação do programa é feita principalmente por meio dos conselhos e da diretoria, setores que funcionam como interlo-

cutores entre a unidade nacional e suas regiões. As gerências gerais do SESCOOP e da OCB são canais de comunicação com as unidades em todo o país.

A gerente de Pessoas do Sistema OCB, Ana Cláudia d’Arce Lima, relata que o PDC foi estruturado e implantado em 2014. A base é o modelo de competências formulado pelo Sistema OCB, uma política de gestão de pessoas que compreende diferentes processos. Um deles é o de educação corporativa, que visa desenvolver as competências dos colaboradores para o adequado desempenho das atribuições dos cargos/funções previstas no Plano de Cargos, Carreiras e Salários, desenvolvido inicialmente para a unidade nacional e posteriormente estendido a 21 unidades estaduais.



Assim que foi definido o modelo de competências, precisávamos trabalhar o aprimoramento delas, e para isso montamos o Programa de Desenvolvimento de Competências para os colaboradores do Sistema OCB. ”

ANA CLÁUDIA D'ARCE LIMA,
gerente de Pessoas do Sistema OCB

“Assim que foi definido o modelo de competências, precisávamos trabalhar o aprimoramento delas, e para isso montamos o Programa de Desenvolvimento de Competências para os colaboradores do Sistema OCB. Considero que a ação do programa está em nosso DNA. O Sistema OCB tem por finalidade atuar na formação, no desenvolvimento profissional do cooperativismo, e isso também vale para o nosso público interno. Acredito que não adianta trabalharmos fora sem que nossas equipes estejam preparadas para enfrentar esses desafios”, afirma Ana Cláudia.

EIXOS

O PDC está segmentado em cinco eixos para atender aos diversos níveis de atuação dos colaboradores. O Deliberativo é voltado a desenvolver competências dos membros dos conselhos nacional e estaduais, assim como os da diretoria. O Executivo fomenta as competências necessárias ao exercício qualificado da função dos executivos no âmbito do Sistema OCB. O Eixo Gerencial foca no fortalecimento da gestão sustentável. Já o Técnico visa estimular as competências necessárias ao exercício das atividades técnico-profissionais específicas dos cargos e funções. O Eixo do Cooperativismo, por sua vez, tem como objetivo desenvolver competências comuns entre as instituições do Sistema OCB, visando à integração, ao conhecimento dos aspectos estruturais e funcionais e à disseminação da cultura da cooperação, da doutrina, dos princípios e dos valores do cooperativismo.

Primeiramente, o PDC identifica os *gaps* (lacunas) de cada colaborador. A seguir, mapeia o ponto ideal e a situação atual de cada participante. “O objetivo é aprimorar o preparo dos colaboradores do Sistema OCB para enfrentar os desafios diários e assim desempenhar suas atribuições de uma forma



efetiva, buscando inovar e melhor atender ao nosso público externo”, completa Ana Cláudia.

Ela destaca a necessidade de investir no desenvolvimento de gestores, pois eles são os responsáveis por traduzir a estratégia em ação. Segundo Ana Cláudia, eles funcionam como interlocutores da estratégia com o corpo funcional. Na opinião da gerente, é dos gestores a função de traduzir a estratégia em planos, projetos e ações, orientando e conduzindo as equipes a executar aquilo que foi planejado.

RUMO ÀS METAS

“Existe uma necessidade de estimular o desenvolvimento das pessoas e de suas competências a fim de que elas possam alcançar os

resultados que a instituição espera para o nosso público que está lá na ponta, que são os cooperados e os trabalhadores das cooperativas”, afirma Ana Cláudia, que valoriza o PDC como uma das ações mais importantes de sua área. Em 2014, o Programa de Desenvolvimento de Competências para os Colaboradores do Sistema OCB na unidade nacional e nas estaduais contabilizou 115 ações, 2.272 participações e 2.167,8 horas de capacitação.

Cleonice Pedrosa, superintendente do Sistema OCB/PE, participou do PDC e ajudou a promover ações de capacitação em seu estado, em parceria com a unidade nacional. Ela atuou em duas etapas: como interlocutora de Pernambuco com a unidade nacional e a Fundação Getúlio Vargas, e como

representante do grupo de superintendentes da região Nordeste. Para o futuro, Cleonice articula com os demais colegas superintendentes um projeto de desenvolvimento continuado para os técnicos das unidades regionais. “O programa é relevante para a melhoria do clima da organização e para a elevação da empregabilidade, além de garantir ao profissional que o seu potencial será reconhecido e valorizado”, ressalta.

Cleonice reitera a utilidade de aderir ao PDC: “Foi possível notar a demonstração de pertencimento de cada colaborador beneficiado. Depois do curso, as pessoas ficam mais integradas e colaborativas. A experiência regional nos fortaleceu muito como time do Sistema OCB. Com a ação, puderam ser

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DO SISTEMA OCB

Conhecimentos | Habilidades | Atitudes





Cleonice Pedrosa, superintendente do Sistema OCB/PE, destaca que o programa atua tanto no clima da organização quanto no aumento da empregabilidade

visualizadas várias oportunidades relacionadas ao mercado cooperativo. Com isso, despertamos nos colaboradores possibilidades para uma atuação qualitativa, desafiante e com remuneração equivalente às das demais organizações”.

COM OS GESTORES

Na unidade nacional, ponto de articulação estratégica, foi realizado um trabalho de *coaching*, atividade direcionada a cada um dos gestores de forma individualizada. A intenção é movê-los a buscar autodesenvolvimento e autoconhecimento, o que reflete na condução de suas equipes, gerando resultados favoráveis para a instituição. Na área de *coaching* há mais de 15 anos, a consultora que desenvolveu o trabalho, Maria Eugênia Costa, atuou focada nos valores do universo cooperativo.

“Creio que alguns aspectos devem ser destacados”, diz Maria

Eugênia, “como o alinhamento do nosso trabalho com as metas estratégicas e a adequação a programas já existentes na organização, no caso a gestão por competências. Além disso, nosso foco foi no ambiente organizacional e seus temas: equipes, delegação, motivação, reuniões, tomada de decisão.” Com isso, explica, o participante se sente acompanhado durante o processo. “É o que permite prevenir problemas”, resume. A iniciativa atendeu aproximadamente 22 profissionais. Os participantes tiveram 10 sessões de *coaching*, cada uma com a duração de 60 minutos.

A gerente Técnica e Econômica do Sistema OCB, Clara Maffia, participou do programa de *coaching* desenvolvido na unidade nacional. “Tive a oportunidade de refletir sobre temas como organização do tempo, gestão de conflitos, definição de prioridades, gestão de pessoas e processos. Especialmente em uma rotina tão intensa,

a possibilidade de separar um momento da semana para compreender melhor os macroprocessos da área tem colaborado e muito para o desenvolvimento de uma visão cada vez mais estratégica, focada em resultados”, afirma.

Clara acentua que o desenvolvimento de competências é um dos pilares de gestão, algo que, para o sistema cooperativista, se mostra ainda mais relevante. “Esse tipo de ação nos dá uma oportunidade de aperfeiçoamento de competências que são fundamentais para o alcance dos resultados institucionais esperados. Por isso, considero ser uma importante ferramenta para o crescimento profissional.”

O gerente de Licitações e Contratos do Sistema OCB, Aldo Guedes, outro que participou do programa de *coaching* desenvolvido na unidade nacional, se diz um defensor desse tipo de iniciativa, que avalia como uma forma de identificar e aprimorar o que cada colaborador possui de melhor, além de criar oportunidade de crescimento e reconhecimento dos profissionais do Sistema. “Foram aproximadamente cinco meses de trabalho intenso, e isso contribuiu para o meu desenvolvimento profissional/gerencial e pessoal. As sessões de *coaching* me proporcionaram uma visão estratégica e globalizada em relação à minha atuação profissional, o que me permite hoje estabelecer, com maior clareza e transparência, metas profissionais de curto, médio e longo prazo, de modo a manter o alto comprometimento e o desempenho da minha equipe.” ■



“Quem corre atrás não sobe no pódio”

Com 62 anos de cooperativismo, o mineiro Ronaldo Scucato, que começou a vida como balconista de supermercado, é um exemplo de entusiasmo e dedicação

Os muitos anos praticando esportes sustentam o passo firme desse homem de 1,83m, enquanto a paixão pela leitura é o provável motor da memória tinindo. Com tais credenciais, Ronaldo Scucato, 78 anos, presidente do Sistema Ocemg/ Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais, recupera, sem dificuldade, histórias de mais de seis décadas dedicadas ao cooperativismo. Entusiasmo e engajamento pavimentaram sua trajetória, iniciada na década de 1950, aos 16 anos, com um emprego de balconista no supermercado da Cooperativa de Consumo dos Servidores do DER/MG (Coopeder).

O caminho até a presidência do Sistema Ocemg, cargo que ocupa desde 2001, se pautou pela firmeza de propósitos e pelo interesse em sempre aprender e inovar. É assim o tempo todo. Ele conta que acaba de adquirir um imó-

vel para erguer um centro de treinamento cooperativista, em Belo Horizonte. “Valorizo muito o Sescoop. Seu advento foi bem-sucedido quando conseguiu canalizar recursos das cooperativas para aplicar no próprio desenvolvimento delas, preparando dirigentes, familiares e fornecedores”, diz.

Com seu smartphone na mão, ele mostra que, mesmo conectado ao mundo moderno, preocupa-se com a presença excessiva da tecnologia na vida das pessoas. “Uma das funções do cooperativismo é nos manter humanos. Aonde você vai, vê as pessoas ‘cutucando’ (tocando as telas *touchscreen* dos celulares). A tecnologia foi feita para nos ajudar a viver bem, não para nos dominar”, alerta Scucato, que teme a perda das interações e até uma possível dificuldade com a expressão oral nas gerações mais jovens. “Se não repensarmos a educação





no Brasil, nossa competência ficará eternamente comprometida.”

Amargura, no entanto, passa longe. Adora viajar (“Viajo sozinho a trabalho. Dizem que não tenho juízo”) e planeja, em breve, conhecer a Turquia. Vontade de viver é o que não falta a Scucato. “Tem muito jovem velho por aí. O importante é manter a cabeça jovem e viver a terceira idade com dignidade”, comenta ele, que adora soltar frases de efeito, como: “Quem corre atrás não sobe no pódio” - lembrando a impropriedade da expressão “correr atrás” ao se referir à necessidade de o bom profissional estar sempre se aprimorando. Para triunfar, ele lembra, corre-se à frente.

Profissionalmente moldado pelo cooperativismo, ele se orgulha dos 62 anos de dedicação ininterrupta. Desde o início, buscava, com a Organização das Cooperativas da América (OCA), informações e bibliografia não disponíveis no Brasil, visando ao aprimoramento do sistema. Conciliava trabalho e estudos - e sempre estudou muito. Além do curso técnico de ciências contábeis feito no Imaco (Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis, em Belo Horizonte), é formado em direito e em administração pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais, e em economia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cursou ainda pós-graduação em agricultura empresarial pela Universidade de Bolonha, na Itália. Atualmente, além da presidência do Sistema Ocemg, exerce as funções de conselheiro representante da Região Sudeste no Serviço Nacional de Aprendizagem do



Valorizo muito o SESCOOP. Seu advento foi bem-sucedido quando conseguiu canalizar recursos das cooperativas para aplicar no próprio desenvolvimento delas, preparando dirigentes, familiares e fornecedores.”

Cooperativismo (Sescoop) e conselheiro honorário da Central das Cooperativas de Economia e Crédito Mútuo de Minas Gerais - BH/MG (Cecremge).

TRAJETÓRIA

No passado, o empenho do jovem balconista, em pouco tempo, levou-o a cumprir expediente no escritório central da Coopeder. Ali, logo tornou-se tesoureiro-chefe - cargo equivalente, nos organogramas atuais, ao de diretor financeiro. “Ajudei a constituir a Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Colaboradores da Coopeder Ltda. (Crededer) e ainda fui presidente da Federação Mineira de Cooperativas de Crédito (Femicoop, atual Cecremge)”, recorda-se, acrescentando que também liderou por um período a Confederação Brasileira das Cooperativas de Crédito (Confefras). “Sempre fui muito do coletivo”, justifica.

Listar conquistas é natural para Scucato, que define a modéstia como um dos piores atributos do ser humano, pois prejudica o indivíduo, seus dependentes e a instituição a qual representa. “É preciso ser humilde”, esclarece ele, que se considera uma pessoa leal e grata. “E assim pautei a minha vida. As pessoas confundem as duas coisas. O papa Francisco é um exemplo de humildade.”

Viagens, os livros da escritora britânica Agatha Christie e o aprendizado de idiomas são interesses que Scucato mantém nos momentos de relaxamento. Dos esportes teve de abrir mão, por motivos de saúde, mas já foi destaque no vôlei, que

praticou dos 7 aos 60 anos de idade. Chegou a ser campeão universitário, em 1964. Depois, passou para a peteca e, nos últimos anos, exercita-se caminhando diariamente dentro da piscina, no horário de almoço. “Jogava como atacante, era alto para a época. Mas também fui um grande levantador, me chamavam de ‘Mãos de seda’”, diverte-se.

Reconhecidas pelos seus pares no cooperativismo, a competência e a honestidade do mineiro lhe valeram, em 1994, um convite para assumir a superintendência da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), que à época passava por dificuldades financeiras. Scucato ficou por pouco mais de um ano se dividindo entre Brasília e Belo Horizonte, numa passagem que, além de sanear a organização, marcou todos os que com ele conviveram. A técnica administrativa Cezeney Veloso, mais conhecida por Ney, só guarda boas recordações: “Muito humano, guerreiro, chegava cumprimentando cada funcionário, dando bom-dia e buscando saber como estávamos. Aprendi muito com ele. Costumava dizer que, em qualquer lugar em que você fizer um bom trabalho, colherá bons frutos”.

Hoje gerente de Logística, Belmira Neves é outra amizade solidificada durante a passagem de Scucato pela OCB. “Com muita habilidade, profissionalismo e humanidade, sensível às causas da instituição e dos colaboradores, ele nos ajudou a passar pelas dificuldades com mais leveza”, conta. “Tenho um respeito muito grande por ele, que está onde está porque tem muita compe-

tência e compromisso com a OCB.”

Na despedida de Scucato, Ney e as outras secretárias tiveram a ideia de marcar uma folha de papel com batom, em uma demonstração de gratidão. O presidente do Sistema Ocemg guarda o mimo emoldurado, até hoje. “Ele foi um pai para mim”, conta relata Ney. “Disse que éramos sua família, mas sua missão estava cumprida e precisava voltar a Belo Horizonte, onde havia uma grande mulher à sua espera. Todos choramos, emocionados.”

A dedicação ao cooperativismo desse filho e neto de italianos só ficava em segundo plano diante da grande mulher por ele mencionada. Sua amada, Norma, faleceu há cinco anos, mas a aliança permanece no dedo anular esquerdo. “Combinamos que, se um partisse primeiro, o outro a manteria. A vida é como um romance, com prefácio, miolo e epílogo. É o caminho de todos nós”, assinala ele. Mas Scucato não deseja encontrar o ponto final de sua história tão cedo. Diz amar a vida e, em-

Flora Egécia



Formado em direito, economia, ciências contábeis e administração, o presidente do Sistema Ocemg tem uma trajetória marcada por ações cooperativistas



Se não repensarmos a educação no Brasil, nossa competência ficará eternamente comprometida. ”

bora a considere uma obra permanentemente inacabada, já cunhou o próprio (e bem-humorado) epitáfio: “Aqui jaz Ronaldo Scucato. Muito contra a sua vontade”. ■



*Criatividade,
uma receita
de sucesso*



Cooperativas culturais se fortalecem e movimentam, em todo o país, artistas unidos pela desoneração tributária

Flora Egécia



Nosso ofício vislumbra a cidadania. ”

RUDIFRAN POMPEU,
fundador do Grupo Redimunho de Teatro

A tuar em conjunto, trocar ideias, buscar o melhor resultado e compartilhar o sucesso são princípios cooperativistas que também norteiam o trabalho artístico. Nada mais natural que as cooperativas voltadas às atividades culturais estejam proliferando e se fortalecendo, principalmente após recentes conquistas relativas à desoneração de tributos. O movimento, que beneficia artistas cooperativados em todo o país, vem sendo capitaneado pelas cooperativas paulistanas, que se uniram e fortaleceram suas pautas de negociação com o poder público.

“O coletivo é inerente ao fazer teatral”, resume o dramaturgo Dorberto Carvalho, diretor da Cooperativa Paulista de Teatro (CPT). “Assim como nas diversas linguagens artísticas, há naturalmente o espírito de organização, e o cooperativismo une trabalhadores com interesses comuns para uma luta coletiva.”

No momento, oito cooperativas de cultura filiadas ao Sistema OCB estão atuantes no Brasil. Ao todo, reúnem mais de 7 mil músicos, atores, bailarinos, artistas circenses, técnicos, autores e produtores. Nelas, os cooperados não só encontram suporte para inscrever projetos em editais e políticas de fomento, como passam a ocupar um espaço como profissionais e cidadãos, ao se tornarem autônomos cujos direitos, como a seguridade social, estão resguardados.

Provavelmente a mais antiga do Brasil e a maior da América Latina voltada ao tema, a CPT surgiu em 1979. Referência em trabalho



cooperativado para a área artística, conta, atualmente, com 4 mil associados, a maioria ligada a aproximadamente 800 grupos teatrais, e responde por aproximadamente 80% da produção artística teatral no estado de São Paulo. Sua programação cultural está presente em toda a cidade, de domingo a domingo.

Só na capital paulista, as cooperativas de Música, Paulista de Trabalho dos Profissionais de Dança e Brasileira de Circo beberam dessa fonte de inspiração e também se firmaram como referência em suas áreas - com a CPT, constituíram a Federação Nacional das Cooperativas de Cultura (Fencult). Sopram ventos cooperativistas, ainda, na cultura da Bahia e do Piauí e Rio Grande do Norte, cujos artistas es-

tão apostando nessa estrutura para se firmarem. "A cooperativa existe em função dos propósitos materiais e conceituais para fortalecer a produção teatral", afirma o ator, diretor e dramaturgo Rudifran Pompeu, presidente do Conselho Administrativo da CPT. "Além de nos organizar, ela nos dá unidade e força política."

CONQUISTAS

As cooperativas paulistanas têm um forte viés de atuação política. Nos últimos anos, registraram conquistas como políticas de fomento, de preservação de bens culturais e desoneração tributária. A recuperação do fôlego do cooperativismo cultural pelo país, aliás,

tem relação direta com a sanção, em maio do ano passado, do artigo 113 da Lei nº 12.973, que estende às cooperativas culturais a isenção da cobrança do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para Financiamento da Seguridade Social (Cofins) - benefício anteriormente concedido a cooperativas de taxistas.

Um dos principais dirigentes cooperativistas nessa articulação foi o presidente da Cooperativa de Música, o compositor Luis Felipe Gama. Ele lembra que a obrigatoriedade de utilizar a nota fiscal eletrônica - e a consequente impossibilidade de contestação dos tributos que vinha sendo feita, sistematicamente, pela classe - levou muitos artistas à informalida-

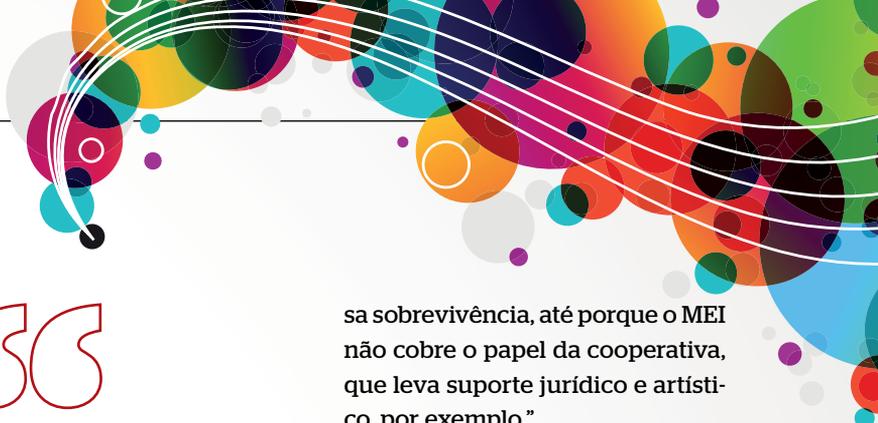
Flora Egécia



Muito do que se espera do poder público, a cooperativa dá conta, pois nela o artista está integrado à seguridade social como profissional autônomo.

LUIS FELIPE GAMA,
presidente da Cooperativa de Música





de, “comprando” notas fiscais de terceiros para evitar a taxaço. No caso de São Paulo, ainda havia cobrança de 5% de ISS. Desde janeiro deste ano, essa taxa também foi abolida das notas fiscais das cooperativas paulistanas, vitória obtida após muita articulação na Câmara dos Vereadores. “No início de 2014, a situação financeira das cooperativas de cultura era dramática”, relata Gama. “Nós queimamos muita gordura batalhando pela desoneração. No entanto, muitos coletivos que estavam se organizando em cooperativas tornaram-se apenas um CNPJ, sem realizar nenhuma atividade.”

Diversas instituições buscam se reerguer. É o caso da Cooperativa Baiana de Teatro (CBT), que, fundada em 2004, no início de 2015 ainda tinha apenas 18 cooperados. Sua presidente, a atriz, produtora e diretora Deusi de Magalhães, conta que a CBT chegou a promover festivais e projetos coletivos reunindo os grupos locais, que também mantinham suas próprias produções. Ela associa o momento de baixa adesão ao fato de a instituição do microempreendedor individual (MEI) ter se tornado tributariamente mais interessante. Depois da desoneração de PIS/Cofins, lembra, cooperativar-se voltou a ser atraente, até pela possibilidade de integração de linguagens e projetos.

“No momento, estamos nos reestruturando, vamos nos reorganizar”, situa. “Temos várias ideias, a exemplo de um festival de teatro infantil. Planejamos nos inscrever em alguns editais. A isenção do PIS/Cofins foi uma vitória, garantiu a nos-

“
A gente acredita em coletivo e as cooperativas são ilhas socialistas num mundo capitalista, onde todo mundo ganha junto.”

SANDRO BORELLI,
presidente da CPD

sa sobrevivência, até porque o MEI não cobre o papel da cooperativa, que leva suporte jurídico e artístico, por exemplo.”

O presidente da Cooperativa de Música completa: “O Estado, de acordo com a Constituição, deve incentivar a organização em cooperativas. Por isso, a organização individual não pode ser mais interessante que a cooperativa”. Ele conta que fevereiro de 2015 foi o mês de maior faturamento da história da Cooperativa de Música, pois muitos associados estão voltando ao quadro depois das desonerações. Para Gama, este é o momento de revitalizar a atuação no campo artístico, retomando iniciativas que estavam adormecidas, entre elas a realização de festivais e a volta do selo musical Cooperativa. “O selo visa viabilizar a produção dos artistas filiados. É como se o cooperado tivesse a sua própria gravadora, com a vantagem de não ter de lidar com o trabalho burocrático”, explica o presidente.

Há vitórias para comemorar também no campo artístico. Em 2014, a Cooperativa Paulista de Trabalho dos Profissionais de Dança (CPD) criou o Centro de Referência da Dança (CRD), no espaço que, até 2013, pertenceu à Escola Municipal de Bailado, transferida para outro endereço. Localizado no Vale do Anhangabaú, coração da capital paulista, o local oferece seis salas de ensaio - atualmente ocupadas por 41 núcleos artísticos residentes -, espaço cênico, aulas, cursos e exposições. O que começou como uma ocupação de bailarinos e produtores para evitar



o abandono do espaço tornou-se um contrato de copatrocínio com a Secretaria Municipal de Cultura, parceria por meio da qual o município mantém o espaço e a cooperativa o gerencia, desde que artistas não ligados à CPD também usufruam da estrutura.

Para Sandro Borelli, presidente da CPD, o cooperativismo é uma solução na vida do artista. “A gente acredita em coletivo e as cooperativas são ilhas socialistas num mundo capitalista, onde todo mundo ganha junto”, afirma. Para o coordenador do CRD, Hélivio Tamoio, que também ocupa o cargo de vice-presidente da cooperativa, é preciso que a classe deixe de se ver como “coitadinha” e rompa com o assistencialismo: “A articulação política é papel da cooperativa”.

Sob esse aspecto, a CPD atuou, ao lado do movimento independente A Dança se Move, pela promulgação de uma lei municipal que prorroga de um ano para dois anos e meio o fomento para a pesquisa em dança. Outro fruto desse trabalho resultou no Prêmio Humberto Silva, de circulação da produção local dentro do estado, do país e no exterior. O projeto tramita na Câmara dos Vereadores de São Paulo. “Estamos buscando interlocução, sem fazer balcão de negó-

cios”, diz Borelli, para explicar que não há “toma lá-dá cá” na relação com o poder público.

Isenção de IPTU para espaços culturais e um projeto de lei que prevê a preservação de 22 teatros independentes, considerados patrimônio imaterial da cidade - combatendo a especulação imobiliária - complementam a pauta política das cooperativas culturais paulistanas. “A cooperativa é importante para o meio, pois também é uma representação. Somos muito solicitados a colaborar nos processos de construção de políticas culturais de estados e municípios, porque acabamos representando a categoria e incentivando o desenvolvimento da área cultural”, acrescenta Deusí, da CBT.

PEDRAS NO CAMINHO

Na Bahia, a Cooperativa de Profissionais das Artes (Cooperarte) enfrentou outra dificuldade comum às cooperativas do ramo Trabalho: a acusação de precarização da mão de obra. Tal fato ocorre em muitas instituições que, autodenominadas cooperativas, existem apenas para burlar leis trabalhistas e não possuem nenhuma conexão com os princípios do cooperativismo. Com mais de 500 associados,



Estamos mudando a estratégia. Em vez de depender do sucesso dos contratantes, vamos promover o sucesso dos cooperados. ”

ROBERTO VIANA,
presidente da Cooperarte





É um suporte, pois os artistas da atual gestão (da CPT) tomaram as rédeas. Isso me atraiu a ser cooperado. ”

RAFAEL FERRO,

ator e produtor vinculado ao Grupo Redimunho de Investigação Teatral

a Cooperarte chegou a arrecadar R\$ 3 milhões em um ano, na década passada, mas fechou 2014 com 100 cooperados e faturamento de R\$ 500 mil. Ela perdeu vários contratos devido a um processo movido pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), enfim arquivado em 2010, após a entrada no caso de um procurador que conhecia o verdadeiro cooperativismo e percebeu o equívoco. “Muitos advogados não conhecem direito o tema, têm prevenção contra as cooperativas; e, às vezes, a Justiça propõe ajustes que vão contra o estatuto e ferem a lei do cooperativismo”, atenta o presidente da Cooperarte, Roberto Viana.

Segundo ele, o caminho para se reerguer passa por mudar a forma de atuar da Cooperarte, que na época do *boom* da *axé music* viveu dias de glória devido ao sucesso individual dos contratantes. Choviam pedidos de contratação de técnicos de som e de iluminação, bailarinos, produtores e diretores de palco. A ideia, agora, é passar a elaborar projetos para editais, políticas públicas de fomento e solicitações da iniciativa privada, criando demandas e não esperando que elas apareçam. “Estamos mudando a estratégia. Em vez de depender do sucesso dos contratantes, vamos promover o sucesso dos cooperados”, planeja o presidente.

Assim ocorre com a bailarina paulistana Amanda Santos, uma entusiasta do modelo cooperativista, no qual se sente valorizada como profissional. “Muita gente só procura a cooperativa quando precisa inscrever um projeto. Existe certo imediatismo da classe, que frequentemente não percebe os benefícios a longo prazo de ser um cooperado”, obser-



va. Associada à CPD, ela também lamenta que parte da classe artística tenha uma postura arrogante em relação às cooperativas. “Falta visão do movimento como um todo.”

Ator e produtor, Rafael Ferro está vinculado ao Grupo Redimundo de Investigação Teatral - do qual Rudifran Pompeu é fundador - e conta que foi ao ingressar nesse núcleo, formado em maior parte por filiados à CPT, que se sentiu estimulado a pertencer à cooperativa. “É um suporte, pois os artistas da atual gestão (da CPT) tomaram as rédeas. Isso me atraiu a ser cooperado”, afirma.

INTEGRAÇÃO BRASIL AFORA

Assim como Meca está para os muçulmanos, São Paulo está para as cooperativas brasileiras de arte e cultura. Além de sediar a Cooperativa Paulista de Teatro - a mais antiga do Brasil -, suas instituições cooperativistas de música, dança e circo - esta atuando em nível nacional - são altamente representativas e atuantes politicamente. Outras duas cooperativas associadas à OCB estão no Piauí e no Rio Grande do Norte, ambas reunindo músicos desses estados: a dos Profissionais da Música do Piauí, chamada de Capivara, recentemente registrada na OCB, e a de Música Potiguar (Compor).

A profissionalização das cooperativas paulistanas é um ponto forte de atração da classe. A Cooperativa Paulista de Teatro possui 40 funcionários, estrutura contábil e jurídica, sala de reunião e toda uma estrutura de apoio voltada para atender os associados. “Talvez seja a maior cooperativa de cultura da América Latina. E é de artes cênicas”, comemora Rudifran Pompeu.

Na Cooperativa de Música há seis funcionários, dois deles responsáveis por cuidar de contratos e trâmites burocráticos em geral. Além de direitos trabalhistas para seus cooperados, como auxílio-doença e licença-maternidade, a instituição conta com benefícios extras, a exemplo do Fundo de Apoio à Grávida: durante quatro meses, após o parto, as mães cooperadas recebem 1/12 do que recolheram nos 12 meses anteriores. “Como trabalhador autônomo, o ar-

tista que ficar doente ou se acidentiar não tem nada que o assegure financeiramente. Muito do que se espera do poder público, a cooperativa dá conta, pois nela o artista está integrado à seguridade social como profissional autônomo”, assinala Luis Felipe Gama.

Na Cooperativa Paulista de Dança, a desinformação sobre os próprios direitos bate direto nos ouvidos do secretário financeiro Júnior Cecon. Os bailarinos frequentemente contestam retenções sobre a nota de prestação de serviço, entre elas o imposto de renda e o INSS, que reduzem o valor líquido a ser recebido. “O único valor descontado que efetivamente fica para a cooperativa é o de 3,5% sobre o valor da nota, montante que visa à manutenção da estrutura da cooperativa. Precisamos acreditar nesse modelo de organização. É importante para a classe se agregar, se unir”, afirma.



Fotos: Flora Egécia

COOPERADOS QUE FAZEM ARTE

Quase totalmente formado por cooperados, o Grupo Redimunho de Investigação Teatral leva vida e alegria, apesar da seriedade do tema escolhido, às degradadas ruas das imediações da Ladeira da Memória, onde fica a sede da companhia paulistana. O espetáculo *Tareias* aborda a violência contra a mulher na cidade e no campo, a partir da personagem Maria, na verdade várias delas, com dife-

rentes histórias de vida e opressão. Em cartaz nas noites de domingo e segunda, a peça é livremente inspirada no universo de Guimarães Rosa.

As primeiras cenas são apresentadas no espaço do Redimunho, mas, cerca de 15 minutos depois, os 22 atores convidam o público a segui-los em cortejo nas imediações, onde se desenrola o restante da trama - com direito a cenário montado de forma ágil pela equipe de produção, lanche e cenas surpreendentes, como a do balanço sob o Viaduto do Chá. Tudo termina com

elenco e público confraternizando-se em uma ciranda.

Para construir seu repertório, o grupo viaja anualmente para o cerrado mineiro, o sertão de veredas onde Rosa deu asas a personagens como Diadorim, musa de *Tareias* (sinônimo de surra, no português dos colonizadores). Coletivamente, aprofundam-se naquele universo, selando a união artística e profissional. "A cooperativa organiza nosso modo de produção, visto que vivemos meio que na contramão do mercado. Nosso ofício vislumbra a cidadania", conclui Rudifran. ■

Flora Egécia





Modelo alemão inspira excelência cooperativista

No Paraná, implantação do Programa de Certificação de Conselheiros Cooperativos abre caminhos para novas iniciativas em todo o Brasil

De feição democrática e natureza representativa, o sistema cooperativo constitui atualmente, no Brasil, um dos mais significativos braços do poder econômico e fonte de inserção social, setor responsável por 320 mil empregos diretos e pela movimentação de 6 bilhões de dólares em exportações. Diante dessa realidade, mais do que credenciais desejáveis, responsabilidade de gestão e aprimoramento de competências são quesitos obrigatórios à imensa e diversificada classe de associados e à necessária capacitação de líderes.

Nesse sentido, o estado do Paraná saiu na frente ao instituir o Programa de Certificação de Conselheiros Cooperativos, uma iniciativa que já capacitou, desde 2013, quase 500 integrantes de 12 cooperativas dos ramos agropecuário, crédito e saúde. Este ano, 20 turmas serão constituídas e cerca de 800 conselheiros, certificados. Os cursos resultam de uma parceria do Sistema Ocepar, por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem de Cooperativismo (Sescoop/PR), com o Instituto Superior de Administração e Economia (Isae) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A iniciativa tem alcançado grande sucesso e imediata receptividade. O superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, avalia: “Um setor forte como o nosso, com poder de movimentar a economia não só do município, mas do estado e do país, precisa dispor de um corpo de conselheiros que compreenda to-

Divulgação



Os cursos têm carga de 144 horas e se dividem em nove módulos. O conteúdo tem foco em estratégia e liderança

da a dinâmica da entidade, e não somente noções de administração de empresas”.

Ricken lembra que, apesar da média de 6 mil eventos de formação por ano, o sistema não oferece cursos específicos destinados aos conselheiros. “Com o Programa de Certificação de Conselheiros Cooperativos, complementamos o ciclo de desenvolvimento humano tão necessário à credibilidade e eficiência das cooperativas”, afirma. Nos conselhos, informa, há pessoas com os mais distintos graus de instrução - cenário que já motiva o investimento e o propósito de qualificação.

CONHECIMENTO CERTIFICADO

Lançado em 2013, o Programa de Certificação busca aprimorar e desenvolver competências, visando a uma efetividade maior no desempenho da função de conselheiro. Cada turma é formada, em média, por 40 pessoas. Com carga de 144 horas, o curso é dividido em nove módulos, sendo o conteúdo estruturado a partir dos pilares do cooperativismo, da estratégia e da liderança. De duas turmas formadas no ano de seu lançamento, o programa saltou para 11, em 2014, e, para este ano, prevê a capacitação de 20 novos grupos.

A inspiração para o conteúdo e o formato dos cursos veio do modelo de governança cooperativa adotado na Alemanha, que exige tanto uma formação rigorosa de seus dirigentes quanto um processo permanente de atualização de seus quadros.

Em 2008, Leonardo Boesche, gerente de Desenvolvimento Humano do Sistema Ocepar, esteve naquele país integrando uma missão técnica focada na profissionalização da gestão e na capacitação de diretores e executivos a partir de uma visão internacional de negócios, com base em experiências de outros países, como Argentina e Itália.

Ao lado de outros dirigentes, Boesche participou do curso de Formação de Executivos e Líderes Cooperativistas - a seu ver, “interlocução que confirmou a importância extrema da profissionalização dos associados, já que podem vir a exercer cargos eletivos e têm de estar credenciados a atuar com absoluta responsabilidade”.

O INÍCIO

Coube a uma instituição paranaense do ramo agropecuário assumir o projeto piloto. Pioneira no programa, a Agroindustrial Copagrill já tem sua primeira leva de 40 conselheiros capacitados. A solenidade de entrega dos certificados ocorreu em junho do ano passado. “Cada vez mais é preciso contar com pessoas preparadas para as atividades cooperativas”, destaca o presidente da cooperativa, Ricardo Chapla. “Por isso, oferecemos essa oportunidade não só para nossa estrutura funcional, mas para todo o quadro social associado. Essa iniciativa só faz sentido se for uma ação continuada. Se todo associado é um dirigente em potencial, a capacidade de articulação e a visão de negócio devem ser expandidas e aprofundadas.”

A mesma motivação orientou

uma cooperativa de crédito, o Sicoob Central Paraná, a adotar o programa. “Nossa grande preocupação é com a formação, afinal esses conselheiros podem se tornar líderes e assumir cargos de responsabilidade”, analisa Marino Delgado, há 11 anos à frente da entidade. “Buscamos o menor risco possível. Hoje a fiscalização em cima de atos praticados por dirigentes é muito rigorosa por parte do Banco Central.” De acordo com o presidente, o conselheiro precisa dispor, além da experiência, de conhecimento nas áreas que norteiam o cooperativismo de crédito, o que se converte em instrumento para uma correta tomada de decisão.

Igualmente engajado, o presidente da Cooperativa Industrial C.Vale, Alberto Lang, também aderiu com entusiasmo ao programa e assegura: “A cooperativa tornou-se uma organização grande e complexa, o que passa a exigir mais qualificação para administrá-la. Os associados precisam conhecer mais sobre cooperativismo, estratégia e liderança para auxiliar na governança da organização, mantendo-a focada em seus negócios e tendo capacidade para definir estratégias que a tornem mais competitiva”.

A iniciativa paranaense serve de exemplo para o país. Aos olhos dos associados e da própria sociedade, ao mirar o sistema alemão, que exige certificado de gestão aos conselheiros e dirigentes, desenvolve-se responsabilidade e condução eficiente da rede cooperativa. Assim, o cooperativismo, cada vez mais, se consolida como uma rede confiável e fortalecida. ■



Por que você FAZ o que você FAZ?



Divulgação

* **Martha Gabriel**, engenheira pós-graduada em marketing e design, é mestre e PhD em artes, escritora - best seller com o livro *Marketing na era digital* -, consultora, professora de MBA em diversas instituições e palestrante keynote (de sessões plenárias) nas áreas de marketing digital, inovação e educação. Além de atuar em todo o território nacional, já proferiu mais de 50 palestras em países da Ásia e da Europa e nos Estados Unidos, onde foi premiada.

Por que fazemos cada uma das coisas que fazemos todos os dias? Comprar algo, ler um livro, assistir a um filme, comer um alimento específico, trabalhar em alguma atividade, dormir de um jeito, conversar com alguém, estudar um assunto etc.? Parece uma pergunta óbvia para a qual todos nós deveríamos ter a resposta. No entanto, frequentemente não a temos.

A importância de pensar sobre cada ação que adotamos em nossas vidas, mesmo nos horários de lazer, é que, quando tomamos consciência de nossos atos, damos significado a eles e assumimos a nossa responsabilidade para conosco e com o mundo. A vida é o que fazemos e não o que acontece com a gente. Quando não somos conscientes, somos vítimas e, ao mesmo tempo, assassinos: de tempo, dinheiro, qualidade de vida e desenvolvimento pessoal.

Por exemplo, recentemente parei para pensar por que eu assistia a determinadas séries americanas e me dei conta de que várias delas nada acrescentavam ao meu crescimento ou bem-estar, e que, na reali-

dade, todas eram assassinas de tempo - em outras palavras, não valiam as horas que eu "perdia" com elas. Entretanto, outras séries são excelentes para mim, ampliando em algum grau as minhas reflexões sobre o mundo e sobre mim mesma.

A regra é simples e vem da física básica: toda ação provoca uma reação. Tudo o que fazemos, por menor que seja, transforma o mundo ao nosso redor, que nos transforma de volta. Os budistas chamam isso de karma e prestam muita atenção ao criá-lo a cada momento, pois isso determinará a sua felicidade futura. Outros chamam de "lei da retribuição". Independentemente da fé que você pratique, acredito que agir de maneira consciente é essencial para o desenvolvimento de uma vida produtiva e feliz para você e para tudo ao seu redor.

Conforme agimos mais conscientemente, passamos a nos conhecer melhor e a ser mais sustentáveis. Quando penso deliberadamente em cada "porquê" de cada ato meu, analiso a minha essência e as motivações pelas quais ajo. Existe uma máxima que diz que "a raiz de toda mágoa é a expectativa"; assim, se

não nos conhecemos, temos expectativas erradas tanto em relação a nós mesmos quanto aos outros. Por outro lado, quando nos conhecemos, sabemos melhor o que queremos e passamos a agir para atender as nossas verdadeiras necessidades (e não a expectativas alheias). A partir daí, tendemos a parar de consumir tudo o que não nos nutre verdadeiramente: coisas, informações, alimentos, relacionamentos, enfim, tudo. Esse é um dos principais benefícios de agir conscientemente e contribui significativamente para a sustentabilidade do mundo e da nossa alma, permitindo-nos entrar em alinhamento com o nosso verdadeiro “ser”.

Conforme vivemos, mudamos, e por isso, é essencial realizar essa checagem sempre, sob o risco de continuarmos a fazer coisas que só tinham sentido no passado, mas que não precisamos/queremos/gostamos mais. O que é bom e natural para uma criança não é para um adulto. No trabalho, o que fazíamos há alguns anos talvez precise ser feito de forma diferente hoje. Precisamos mudar todos os dias para continuarmos a ser nós mesmos, e, nesse processo, quando temos consciência das nossas ações, elas contribuem para esse desenvolvimento ao invés de sabotá-lo, prejudicando a nós e aos outros.

Assim, desejo que a sua vida seja sempre uma viagem de autocohecimento e consciência dos seus atos, tanto pessoais quanto profissionais, e que para cada um deles você seja capaz de responder à pergunta: “Por que você faz o que você faz?”. Isso muda tudo! ■





FORTALECENDO LIDERANÇAS

A aproximação do setor cooperativo com eventos internacionais de grande porte é um dos temas principais a serem apresentados no World Coop Management, de 28 a 29 de setembro, no Centro de Inovação Unimed, em Belo Horizonte (MG). Participam profissionais destacados em diversas áreas de atuação, tanto do Brasil quanto de outros países. As palestras terão como ênfase as tendências mundiais sobre liderança e estratégia, bem como a sinalização dos melhores caminhos para a realização de bons negócios. O congresso, realizado a partir de uma parceria entre o Sescop MG e a Wex Business, tem como público alvo presidentes, dirigentes, superintendentes e gestores de cooperativas e de instituições do setor interessados em reciclagem profissional. “Estamos na era do conhecimento, estar sintonizado com as principais tendências mundiais do management é tão importante quanto o relacionamento e o próprio negócio”, enfatiza o diretor do World Coop Management, Luiz Branco.

R\$ 10,1 MILHÕES

Montante que o Sicoob Centro-Serrano vai dividir, este ano, entre seus associados. “A divisão dos resultados é um dos principais atrativos em relação ao mercado financeiro convencional”, assinalou o presidente do Sicoob ES, Bento Venturim.

EM MOÇAMBIQUE

Inspirado no modelo brasileiro, um projeto de lei aprovado há seis anos em Moçambique tem destacado, desde então, o cooperativismo nacional como referência para o desenvolvimento da prática cooperativista em outras nações. Reflexos da experiência no Brasil foram novamente destacados durante a 8ª Assembleia Geral da Associação Moçambicana para a Promoção do Cooperativismo Moderno (AMPCM), evento que, realizado recentemente em Maputo, contou com a participação de representantes da OCB. Criada há pouco tempo, a AMPCM é a representação maior de todo o movimento cooperativista daquele país, e já ganhou projeção ao propor ao parlamento africano a criação da Lei Geral de Cooperativas.

NOVA POLÍTICA

Na Bahia, a elaboração da política estadual para as mulheres terá no cooperativismo um de seus mais fortes aliados. A inclusão dos princípios cooperativistas na agenda foi confirmada pela secretária estadual de Política para as Mulheres, Olivia Santana, durante o IV Encontro de Mulheres Cooperativistas da Bahia, realizado em Salvador. O evento, que contou com a participação de lideranças femininas de várias cooperativas, foi prestigiado pelo presidente da Organização das Cooperativas do Estado da Bahia (Oceb) e do Sistema Oceb, Cergio Tecchio (**foto**). O convite para que o Sescop participe dos debates e da formulação de políticas desse segmento foi feito oficialmente durante o encontro.

Divulgação





OCB MUNDIAL

Mais uma importante parceria entre o Sistema OCB e a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) foi selada em Bruxelas, na Bélgica, durante uma reunião da qual participou a gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Fabíola Nader **(foto)**. O encontro foi focado em duas iniciativas específicas: a World Co-operative Monitor, uma publicação anual da ACI em parceria com o Instituto Europeu de Pesquisa em Cooperativismo e Economia Social (Euricse), e o Heritage Project, que trabalha com restauração e divulgação do patrimônio histórico e cultural do movimento cooperativista em nível mundial. Com histórico de cooperação e diálogo permanentes, a OCB e a ACI - que já teve o ex-dirigente cooperativista brasileiro Roberto Rodrigues como único presidente não europeu - estreitam cada vez mais seus laços.

PDGC

O Sistema OCB lançou oficialmente, em 30 de março, o terceiro ciclo do Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC). “As cooperativas, ao aderirem, têm muito a ganhar, pois o programa oferece um valioso diagnóstico da gestão da organização, além de orientação para a promoção de melhorias, por meio de relatórios gerados automaticamente pelo sistema”, declarou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. A adesão ao PDGC permite à cooperativa participar da edição deste ano do Prêmio Sescop Excelência de Gestão, evento que destaca as instituições mais bem-sucedidas nas práticas de gestão e governança.

ATENDIMENTO DIFERENCIADO

No Paraná, foi lançada oficialmente a primeira agência móvel do Sistema Sicredi do Brasil. A inauguração da Sicredi União PR/SP ocorreu durante a 44ª Expo Paranavaí - Feira Agropecuária e Industrial de Paranavaí, realizada de 13 a 22 de março, e movimentou a curiosidade do público, que queria ver como funciona. A agência fica instalada em um caminhão que, desenvolvido de maneira sustentável, tem condições de oferecer conforto diferenciado no atendimento ao público. A agência móvel vai percorrer feiras e eventos durante este ano, visitando cidades de todo o país para demonstrar essa modalidade de atendimento alternativo.

FORMACOOOP EM MG

Em Araguari (MG), março foi o mês de lançamento do primeiro módulo do Programa de Desenvolvimento de Dirigentes de Cooperativas (Formacoop). O projeto desenvolve atividades focadas na capacitação de dirigentes, cooperados e demais empregados de cooperativas. Foi criado em 2000 pelo Sistema Ocemg, por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo de Minas Gerais (Sescop/MG) e compreende, no total, dez módulos. Entre os temas abordados na programação - reformulada de acordo com as demandas do mercado e do segmento cooperativista -, destacam-se a empresa cooperativa e sua estrutura, a evolução do cooperativismo, a natureza empresarial da cooperativa e a globalização como projeto histórico.



Falsa diplomacia

Certa vez, quase provoquei um incidente diplomático com nosso vizinho amigo, a Argentina.

Tinha aprendido com um grande conhecedor de música latino-americana que o tango era originário da Espanha, de onde foi para a África subsaariana, tendo então ganhado a batida binária que o caracteriza. Depois seguiu para a América do Sul, aonde chegou quase simultaneamente ao Rio de Janeiro e a Buenos Aires. No Rio, o ritmo encantou compositores, como Chiquinha Gonzaga, tendo se fixado na forma do chorinho. E era tocado em todas as rodas sociais.

Mas, em Buenos Aires, o gênero ficou restrito à região portuária. Naquele tempo não havia contêiner, os marinheiros ficavam semanas navegando e, quando chegavam, se entregavam a festas nos lupanares perto dos portos. Logo o tango virou um ritmo dançado por marinheiros e prostitutas, de modo que a alta sociedade argentina

não apreciava a dança, considerada muito sensual e libidínosa. Com efeito, até hoje perduram algumas características daquele tempo: as bailarinas de shows de tango usam vestidos provocantes, com largos cortes laterais, instigando a imaginação dos mais atrevidos.

Marinheiros ingleses em visita a Buenos Aires se encantaram com o ritmo e levaram para Londres pares de bailarinos e tocadores de bandleoneon, belo instrumento que parece chorar na melodia. Em pouco tempo, o ritmo caiu no gosto dos ingleses e se transformou em festejada dança de salão.

Turistas argentinos que visitavam a capital inglesa reencontraram seu ritmo nacional e, de volta ao seu país, elevaram o tango para patamar mais nobre. E aí esta música maravilhosa cresceu de forma extraordinária, ganhando a marca registrada de melodia argentina ou portenha, como então se dizia.

Isso tudo me foi contado pelo especialista em música de quem fa-

lei, e assim repassei, em plena Buenos Aires, durante uma reunião de cooperativistas. Mas, para reforçar, contei que Gardel havia sido registrado no Uruguai (mais precisamente em Taquarembó), uma vez que era filho de mãe francesa que teria ido àquele país em busca do pai que, informado da procura, se mandara para Buenos Aires. Para lá foi também a jovem mãe, e teve de registrar de novo o petiz. Mas ele seria antes uruguaio.

Essa fala foi um escândalo, mas aproveitei a “viagem” para agregar que o grande cantor Julio Sosa, “Varon del Tango”, era também uruguaio, assim como o compositor do célebre tango *La Cumparsita*, Matos Rodriguez. E, para terminar, informei que o maior parceiro de Gardel, Lepera, era brasileiro e que ambos haviam morrido juntos no desastre aéreo de Medellín...

Com isso, defini o tango como um ritmo do Mercosul e não apenas argentino... Foi um sufoco! ■

4 de julho

Dia
de Cooperar
2015



Uma boa ideia merece ser compartilhada. Mobilize sua cooperativa e participe de mais uma edição do Dia de Cooperar, o Dia C, fazendo sua inscrição até 29 de maio. A campanha de voluntariado que conquistou o Brasil não para de crescer. Sua adesão é fundamental para que o movimento atue cada vez mais por um país sustentável. Veja como participar acessando o site diac.brasilcooperativo.coop.br



SistemaOCB
CNCOP - OCB - SESCOOP

Edição 2015

Agenda Institucional do Cooperativismo

A Agenda Institucional do Cooperativismo 2015 reúne as principais demandas da categoria junto aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. É a força do movimento cooperativista atuando para o desenvolvimento do país na construção de um futuro sustentável.

